

Redes Socioprodutivas

Sistematização e Avaliação



PROJETO
redes
socioprodutivas



INSTITUTO
CENTRO
DE VIDA

Coordenação do projeto:

Camila Horiye Rodrigues, Eduardo Darwin, Katy Knapp, Renato Farias.

Equipe técnica responsável:

Eriberto Muller, Benedita Mendes, Jessé Lopes de Carvalho,
Luan Cândido da Silva, Romário Fogaça do Prado, Odair de Souza
Fagundes, Aline Barros Veras, Ricardo Côrrea da Silva.

Equipe de comunicação:

Rodrigo Vargas, Ana Flávia Albuquerque Correa e Dayanne Dallicani.

Equipe Administrativa:

Ana Paula Ramos Ariano, Cesar Augusto Martins, Débora Silva, Kelly Pereira,
Renata Reis, Robson de Oliveira Cardoso, Tainá Greco, Walter Ariano Júnior.

Equipe de Inteligência Territorial:

Vinícius de Freitas Silgueiro, Weslei Butturi e Bruno Diego Cardoso dos Santos.

Fotos:

Banco de imagens do Instituto Centro de Vida – ICV.

Organizações Comunitárias:

Cooperativa Agropecuária Mista Ouro Verde – COMOVO, Associação dos Produtores Orgânicos de Alta Floresta – ASPOAF, Associação Comunitária dos Produtores do Assentamento Vila Rural II – ACOPAVIR II, Associação Guadalupe Agroecológica – AGUA, Associação Comunitária Rural de Sol Nascente, Cooperativa dos Produtores Hortifrutigranjeiros de Paranaíta – COOPERVILA, Associação das Mulheres do Porto De Areia – AMPA, Associação de Mulheres Rurais e Artesãs de Nova Monte Verde – AMURVERDE, Associação dos Produtores de Leite de Nova Monte Verde – APLNMV, Associação Comunitária dos Produtores Rurais da Estrada Arapongas e Londrina – APRAL, Associação dos Produtores Rurais da Comunidade São Brás, Associação dos Pequenos Produtores Rurais Santa Clara, Grupo de Mulheres da Paz, Associação Grupo de Reflorestamento Agroindustrial Ouro Verde do Norte P.A Nova Cotriguaçu, Grupo de Mulheres Unidas Ouro Verde, Associação de Agricultura Familiar e Desenvolvimento Comunitário de Nova Esperança, Grupo de Mulheres Esperança, Associação dos Produtores Feirantes de Cotriguaçu – APROFECO, Associação de Coletoras e Coletoras de Castanha do Brasil do P.A Juruena – ACCPAJ, Associação de Mulheres Rurais Liberdade – AMULIBERDADE e Rede de Produção Orgânica da Amazônia Mato-grossense – REPOAMA.



O que você encontra aqui?

Apresentamos uma síntese do projeto "Valorizando Cadeias Socioprodutivas na Amazônia – Redes Socioprodutivas", que foi orquestrado e implementado pelo Instituto Centro de Vida – ICV em parceria com famílias produtoras e suas organizações comunitárias do norte e noroeste de Mato Grosso, com apoio do Fundo Amazônia/BNDES.

Em apenas cinco anos, de 2018 a 2022, celebramos que o projeto tenha conseguido impactar vidas de famílias produtoras por meio do fortalecimento de suas organizações comunitárias, do incremento de renda, da promoção de resiliência econômica e incentivo à produção sustentável. Ainda, que ele tenha influenciado em políticas públicas estaduais e no mercado local em benefício da agricultura familiar e propagado regeneração ecossistêmica na região.

Nosso objetivo foi desenvolver, de modo integrado e entrelaçado, as cadeias de valor de hortifrutigranjeiros, do leite, da castanha, do babaçu, do café e do cacau. Isso, com o envolvimento de 600 pessoas e suas 20 organizações comu-

nitárias, com mais de 16 milhões de reais investidos. É fato que ainda há muito trabalho pela frente.

Compartilhamos, a seguir, como vivemos essa história em quatro momentos.

Inicialmente, contextualizamos as condições de execução do projeto gestado com as organizações das famílias rurais em bioma amazônico, tendo que superar uma pandemia e outros desafios. E mostramos como ele qualifica a abordagem institucional com a agricultura familiar em Mato Grosso, passando a valorizá-la.

Adiante, oferecemos um panorama do que é o Redes Socioprodutivas hoje. Passamos a entender seu nome e a necessidade de união



de distintas pessoas e organizações para que ele pudesse alcançar e alavancar as conquistas desejadas para as famílias produtoras da região, ao mesmo tempo que mantinha a floresta viva. Nesse sentido, destacamos a Rota Local e a Repoama (Rede de Produção Orgânica da Amazônia Mato-grossense) como significativas iniciativas. Somamos, ainda, exemplos de como o projeto impulsionou políticas públicas, o mercado local e empreendimentos do campo.

Expomos, na sequência, como o Redes foi realizado na prática, incluindo um relato sobre a metodologia que nasceu a partir disso e os aprendizados. Neste trecho, percorremos as principais atividades focadas em trocas coletivas e seus resultados: as viagens de intercâmbio, os dias de campo, os encontros de parceiros, os percursos formativos, os eventos socioambientais. Aproveitamos para dar notícias do que aconteceu com as cadeias de valor apoiadas e seus belos impactos na realidade local. Iluminamos tanto a importância de se fortalecer a gestão das organizações comunitárias, quanto de se facilitar o acesso ao crédito para as famílias produtoras, de modo que os benefícios se tornassem perenes mesmo depois da finalização do projeto. Em

metamorfoses e aprendizagens, observamos o despertar de líderes, da equipe, de estratégias de gestão, de princípios de atuação e lições com a agricultura familiar desencadeadas com o Redes. Ainda, com abertura e disposição, compartilhamos características, qualidades e a natureza essencial deste trabalho que fez nascer uma metodologia institucional capaz de potencializar a agricultura familiar.

Por fim, na quarta parte, abrimos mentes e corações para receber as avaliações, visões e críticas das lideranças comunitárias e de parceiros. E como não poderia deixar de ser, olhamos em retrospecto para as ações da equipe que anfitriou o Redes fazendo uma auto-avaliação. Buscamos aprender com as pedras do meio do caminho e aprimorar nossa prática, para entregarmos sempre o que há de melhor, mais potente e radicalmente transformador à agricultura familiar e à Amazônia.

Nosso profundo respeito e agradecimento às diferentes organizações da agricultura familiar que percorreram esse caminho conosco. Que continuemos a semear e colher novas parcerias a partir daqui.

Desejamos uma leitura proveitosa!



Resumo executivo

O projeto “Valorizando Cadeias Socioprodutivas na Amazônia – Redes Socioprodutivas”, em cinco anos, de 2018 a 2022, qualificou a abordagem institucional com a agricultura familiar, impactou significativamente a vida de famílias agricultoras e de consumidores, apoiando nos processos desde a produção do alimento até a comercialização, bem como contribuiu para a restauração florestal no norte e noroeste de Mato Grosso. Ainda, influenciou políticas públicas relacionadas à regularização fiscal, mercados institucionais e práticas de manejo sustentáveis.

As cadeias de valor envolvidas no projeto foram de hortifruti-granjeiros, do leite, do café, da castanha-do-brasil, do babaçu e do cacau. **Foram cerca de:**

600

núcleos
familiares

20

organizações
comunitárias

16

milhões de reais
investidos

ALGUMAS INICIATIVAS E CONQUISTAS BRILHAM AOS OLHOS:



A criação da Rota Local, um arranjo comercial coordenado entre diferentes organizações comunitárias que facilita e amplia o escoamento e a comercialização da produção das famílias agricultoras para os mercados locais, criando escala na comercialização dos produtos, gerando mais de 1,5 milhão em receitas para as organizações.



A Repoama – Rede de Produção Orgânica da Amazônia Mato-grossense, formada por agricultoras e agricultores familiares que produzem de modo harmônico com a natureza e sonham com a certificação de produção orgânica por meio da implementação do Sistema Participativo de Garantia (SPG). O que deve ocorrer ainda em 2022.



A facilitação do acesso ao crédito para as famílias produtoras, acreditando no poder da agricultura familiar. Dados de produção desses agricultores foram gerados, qualificados e disponibilizados para agências bancárias do Sincredi, gerando condições para a instituição ter ciência das receitas envolvidas nas produções e oferecer o crédito para as pequenas e pequenos produtores rurais.



O fortalecimento das organizações comunitárias gerando qualificação técnica e capacidade organizacional, alavancando a captação de novos projetos e recursos.

Além disso, famílias perceberam e agarraram a oportunidade de tornar seus pequenos negócios mais salutareis com a transição para a produção orgânica e sustentável. A estruturação de seus empreendimentos gerou real incremento de renda, promoveu resiliência econômica.

Houve o despertar de lideranças com a realização de percursos formativos inovadores. Especialmente, o curso "Agente de Desenvolvimento Cooperativista", realizado via termo de cooperação multidisciplinar firmado entre o Instituto Federal de Mato Grosso-IFMT (FIC – For-

mação Inicial e Continuada) e o ICV, tratou de conhecimentos e práticas aplicadas à realidade das associações e cooperativas. Foi emocionante ver as lideranças comunitárias ocupando esse espaço público, sendo algumas delas pela primeira vez. Foram mais de 60 formações realizadas.

A influência em políticas públicas estaduais e no mercado regional em benefício da agricultura familiar facilitou o acesso aos alimentos locais para as pessoas do lugar. Consumidores passaram a encontrar mais diversidade de produtos da região nos supermercados e



varejos, assim como trabalhadores de empresas regionais e crianças nas escolas passaram a ter suas refeições compostas por mais alimentos da redondeza.

A Amazônia, por sua vez, recebeu zelo, comprometimento e cooperação das famílias agricultoras. Por meio de condução da regeneração natural assistida, restauração florestal com plantio de sementes e mudas, e sistemas agroflorestais, áreas de preservação permanente e corpos d'água, felizmente, foram restaurados melhorando a produção e ajudando a manter a floresta viva em 146 hectares.

Ainda, com muito aprendizado envolvido, o projeto fez nascer uma prática social robusta que pode servir como guia ou como uma estrutura inicial a ser adaptada de acordo com distintos contextos para outras organizações que, assim como o ICV, se propõem a intervir de modo consciente para transformar positivamente realidades socioambientais amazônicas.

Os detalhes de como essas e outras proezas foram alcançadas pelo projeto com as pessoas e organizações envolvidas, estão nas páginas seguintes. Fica o convite para uma espiada mais aprofundada.

SUMÁRIO

1

QUANDO A COISA É BOA, A GENTE QUER COMPARTILHAR! 16

O Redes é amazônico, da mesma grandeza de suas belezas é o seu contexto desafiador **18**

O Redes qualifica o modo como a agricultura familiar é posicionada e valorizada nessa região da Amazônia **21**

2

O PROJETO REDES SOCIOPRODUTIVAS HOJE 24

O que nos diz o nome do projeto: Redes Socioprodutivas? **25**

O Redes é a força e a união de muita gente e de muitas organizações trabalhando juntas para dar mais valor à agricultura familiar em Mato Grosso **26**

O Redes é viveiro de novas ideias e novos projetos **28**

A Rota Local **29**

A Repoama: Rede de Produção Orgânica da Amazônia Mato-grossense **30**





3

O Fundo Rotativo Solidário **31**

O Redes transforma a realidade das pessoas e do meio ambiente do norte e nordeste de Mato Grosso e influencia políticas públicas **32**

O mercado local **33**

As políticas públicas **35**

As famílias agricultoras **38**

COMO O REDES FAZ O QUE FAZ? **40**

Tudo começa com uma boa conversa e isso é agir juntos **41**

Tudo gera aprendizado individual e coletivo: a participação desfaz mitos e quebra tabus, especialmente quando a vivência reúne gente que produz **43**

As viagens de intercâmbio **44**

Os dias de campo **45**

Encontros de Parceiros **46**

Percursos formativos, cursos e construção de capacidades locais **47**

Eventos socioambientais **51**

Onde se recupera a floresta, a água flui em abundância. É uma troca: as famílias recuperam as florestas e a natureza oferece a água **52**

O que aconteceu com as cadeias de valor apoiadas pelo projeto? **55**

As deliciosas e saudáveis hortas e pomares: a cadeia de hortifrutigranjeiros **57**

Café, um cultivo afetivo que pode gerar renda e restauração florestal **60**

Tornar a cadeia do leite mais sustentável, é também proporcionar mais bem-estar para as pessoas envolvidas **63**

A castanha-do-brasil: um caminho de vida com a floresta em pé **69**

Babaçu, se as pessoas soubessem a dádiva natural que ele é, todos ganhariam **73**

O cacau: uma semente para o futuro **77**

O pulo do gato: a facilitação do acesso ao crédito para as famílias produtoras, acreditando no poder da agricultura familiar **80**

Metamorfozes **83**

O nascer de uma metodologia com a prática do Projeto Redes Socioprodutivas que pode servir como referência para outros **83**

Aprendizagens **92**

Um despertar de líderes **92**

A formação de uma equipe para dar conta do recado **95**

Aspectos de estratégia e gestão **96**

Princípios de atuação, atitudes e capacidades desenvolvidas **100**

Lições do projeto com a agricultura familiar **102**



O QUE A GENTE AVALIA QUE PODERIA APRIMORAR NESSE TRABALHO EM PROL DA AGRICULTURA FAMILIAR? **103**

A visão das lideranças das organizações comunitárias, dos parceiros institucionais e da equipe do ICV **104**

Visão das lideranças comunitárias **104**

Visões de parceiros institucionais **105**

Uma auto-avaliação da equipe do ICV que anfitriou o Redes **107**

Anexo: um pequeno universo amostral do que está na boca e no coração das famílias e organizações comunitárias sobre o Redes **109**

O Redes foi muito bom porque... **110**

O Redes poderia ter sido melhor porque... **111**

Mas o Redes fez a diferença mesmo porque... **112**

Recados do coração para a turma do Redes **114**



1 Quando a coisa é boa, a gente quer compartilhar

A semente do Projeto Redes Socioprodutivas foi plantada em janeiro de 2018 pelo Instituto Centro de Vida (ICV) e recebeu apoio do Fundo Amazônia/BNDES para germinar, crescer e se desenvolver.



A ideia sempre foi trabalhar de mãos dadas com as associações e as cooperativas de agricultoras e agricultores familiares que vivem na terra e tiram dela o seu sustento. Especialmente, com famílias do norte e noroeste de Mato Grosso envolvidas nas cadeias de valor de hortifrutigranjeiros, do leite, do café, da castanha-do-brasil, do babaçu e do cacau.



Um grande desejo era ajudar as famílias a desfrutar mais da terra, gerando renda e vivendo melhor. Para isso acontecer, foi importante fazer os recursos chegarem direto para as famílias produtoras, oferecer apoio e boa assistência técnica, ajudar a restaurar as áreas degradadas e produzir de modo mais sustentável. Outro aspecto fundamental

foi fortalecer as organizações comunitárias e o coletivo, gerando condições para elas alcançarem novas conquistas. Para tudo isso se manter bem firme de pé, incluindo a floresta, também foi preciso criar oportunidades para o pessoal da região conhecer e valorizar mais o trabalho dessas famílias agricultoras rurais e extrativistas, tendo acesso aos seus produtos para comprar. E, ainda, envolver, trocar ideias e firmar bons acordos e compromissos com os governos municipais, estadual, com empresas, universidades e ONGs.

Quando a semente do projeto foi plantada, não era possível saber que ela teria que enfrentar uma tormenta com a pandemia da COVID-19, obrigando as pessoas a se afastarem e parando quase tudo.

Olhando para trás, dá para ver que a equipe do ICV e todas as pessoas que participaram do projeto foram persistentes e fortes. Tentaram fazer o melhor para as famílias e para o meio ambiente com toda animação e com os recursos que tinham em mãos. Sempre

primando pela transparência, buscaram envolver todas as pessoas para trazer soluções e superar os desafios. Certamente o pessoal poderia ter feito escolhas diferentes em alguns momentos. Mas quando tinha algo dando errado, eles corrigiam a rota com paciência e muita conversa, sem deixar ninguém de fora. Todos podem se orgulhar porque são responsáveis pelas vitórias e aprendizados do projeto. E eles são muitos, inclusive novas ideias, iniciativas e projetos que nasceram a partir da semente do Redes.

Há belos frutos do Projeto Redes Socioprodutivas que merecem ficar registrados no coração e na memória. Há grandes aprendizados e resultados que podem servir como exemplo para muita gente que também deseja viver melhor na sua terra, com mais saúde, mantendo a floresta conservada e para as pessoas e organizações que desenvolvem e apoiam projetos semelhantes a esse. Este documento serve para isso mesmo, isto é, para ajudar a lembrar e a compartilhar essas riquezas para quem mais fizer sentido.



**O Redes é amazônico,
da mesma grandeza de
suas belezas é o seu
contexto desafiador**





O projeto Redes foi escrito e aprovado por uma equipe anterior à que o executou, com base na experiência do chamado "Cotriguaçu Sempre Verde". A magnitude do projeto englobando municípios do norte e noroeste de Mato Grosso, envolvendo 20 organizações da agricultura familiar de um modo coeso, foi tão desafiador quanto inovador.

Inicialmente, em 2018, o ICV arrumou a casa e construiu a equipe ao mesmo tempo em que dava a largada nas atividades planejadas. Os diagnósticos participativos com as organizações comunitárias, **os encontros de parceiros**

Os Encontros de Parceiros são reuniões de um ou dois dias que agrupam representantes das vinte organizações comunitárias apoiadas pelo Redes para planejamento, alinhamento e construção de novas ideias.

e as viagens de intercâmbio com lideranças e representantes das comunidades para aprender na prática sobre as cadeias, contribuíram para acertar nos caminhos que seriam seguidos.



Cerca de um ano e meio após o início do projeto, o Fundo Amazônia foi paralisado, impactando negativamente o Redes. Somando a atrasos nos repasses das parcelas do projeto, com uma tentativa de difamação das ONGs na Amazônia, ocorreu desconfiança por parte de alguns beneficiários e parceiros locais, levando ao desgaste emocional na equipe.

Foi preciso investir boa parte do tempo e de energia na manutenção das boas relações construídas na região para que o projeto mantivesse a credibilidade e engajamento necessários por todos para o seu desenvolvimento.



A pandemia da COVID-19 trouxe enormes desafios para a realização do projeto. Além da imposição do distanciamento físico para dimi-

nuir o espalhamento do vírus e risco de contaminação entre as pessoas, a falta de ferramentas de comunicação, já que muitos não tinham acesso à internet em suas casas, as famílias perderam entes queridos, muitas vidas foram ceifadas. Havia que se viver um grande luto.

Naquele momento, a vontade de algumas pessoas da equipe era somente poder incentivar as pessoas a se vacinarem, parar e velar os mortos. Alternativamente, tentando diminuir um pouco as distâncias e seguir em frente, a comunicação foi viabilizada com a distribuição de kits de acesso à internet para as famílias que viviam mais próximas às cidades.

O Redes é amazônico. Suas proporções, assim como o bioma em que está inserido, são alargadas. Os cerca de 600 núcleos familiares participantes do projeto, suas organizações comunitárias e o escritório do ICV são unidos entre si por meio de aproximadamente 400 quilômetros de estradas, algumas de chão batido,

e pelo rio Juruena. Tendo em vista o contexto descrito acima, a sensação é que a distância geográfica e emocional se tornou ainda maior entre as pessoas envolvidas com o projeto durante esse período.

Entretanto, mesmo abatida em distintos desses momentos, a equipe do ICV não cogitou desistir das pessoas e nem do projeto. O que ela fez foi sempre criar meios criativos e alternativos para superar os limites externos eventuais e perseverar.



O Redes qualifica a abordagem institucional com a agricultura familiar e impacta a forma como ela é valorizada nessa região da Amazônia

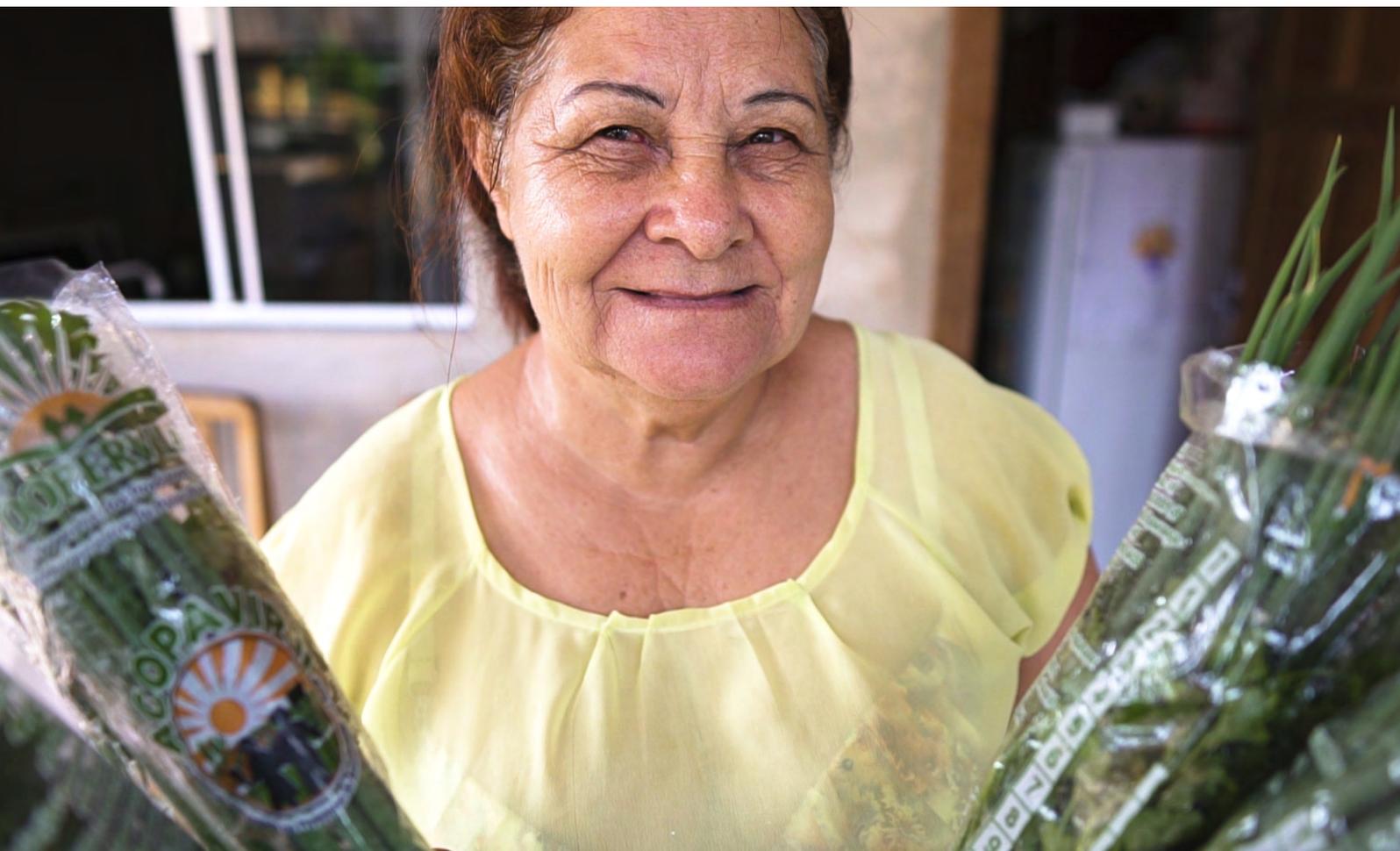


No ICV, o Redes permitiu que a agricultura familiar se tornasse uma das principais agendas institucionais, resgatando e realizando o antigo sonho de atuar para transformar a vida de famílias agricultoras, unindo geração de renda e produção sustentável.

A ampliação da escala de atuação de seis para nove municípios, com bons resultados e tendência de ampliação, tornou o ICV referência em Mato Grosso nessa temática, culminando na atração de novos projetos, financiadores ,

recursos e parceiros. Ainda, o mercado local passou a ter um olhar diferenciado para a instituição, confiando que poderia investir nessa parceria.

O crescimento das ações com a agricultura familiar somente foi possível porque o Fundo Amazônia aporta recursos para projetos maiores, o que permitiu com que as organizações socioambientais na Amazônia trabalhassem em médio e longo prazo. A robustez do Redes possibilitou para o instituto contratar e formar equipe de modo adequado às



reais necessidades do território, cruzando com objetivos do projeto e a visão institucional, podendo ampliar e ousar na atuação junto à agricultura familiar.

Foi possível construir a forma de fazer o trabalho com as organizações comunitárias, testando modelos, corrigindo erros, amadurecendo técnicas, abrindo mentes e corações às novas práticas e linguagens, profissionalizando a gestão, dando contornos mais firmes de como o ICV poderia apoiar a agricultura familiar.

É comum que se busque ampliar a renda na agricultura familiar pensando somente da porteira para dentro, como se apenas as melhorias internas fossem capazes de transformar essas realidades.



O Redes equilibrou o trabalho nos diferentes elos e etapas das cadeias de valor, iniciando dentro das comunidades e ampliando o olhar ao redor, trazendo a visão do sistema também para dentro das comunidades, analisando e filtrando o que poderia dar suporte ao desenvolvimento da cadeia efetivamente. Nesse sentido, amadureceu-se a abordagem de trabalho com a produção da agricultura familiar como negócio, analisando a viabilidade econômica e financeira, mercado consumidor, potenciais formas de comercialização, em processos colaborativos de análise sobre a prosperidade e saúde dos empreendimentos comunitários.



Além disso, a maioria das famílias agricultoras participantes do Redes são carentes de recursos para investir em insumos e tecnologia para melhorar a sua produção e renda. O Fundo Amazônia possibilitou o acesso direto dessas famílias a investimentos significativos.



2 O Projeto Redes Socioprodutivas hoje



Vejo como um sopro de esperança para a agricultura familiar no norte e noroeste de Mato Grosso.”

Eriberto Muller, equipe do ICV

O QUE NOS DIZ O NOME DO PROJETO: REDES SOCIOPRODUTIVAS?

Vamos imaginar uma teia de aranha com seus vários pontos unidos em fios que dão firmeza e sustentação para a trama inteira, essa pode ser vista como a nossa Rede. Um outro jeito de pensar, é na rede de pesca, com seus vários nós ou elos. E a palavra Socioprodutivas junta duas qualidades importantes para a Rede: a primeira é ser social, isto é, ser feita por gente de verdade, sendo cada pessoa diferente uma da outra; e a segunda qualidade é ser produtiva, ou seja, aproveitar o máximo da terra cuidando bem dela.

Percebemos, então, que o nome do projeto traz muito das forças que ele tem: pessoas diferentes colaborando e fortalecendo as suas associações e cooperativas, trocando ideias e aprendendo juntas a viver da terra e na terra de modo mais sustentável, com mais produtividade e respeito pelo meio ambiente.

Vale mencionar que o nome completo do projeto é "Valorizando Cadeias Socioprodutivas na Amazônia – Redes Socioprodutivas". E o pessoal o apelidou de Redes.



**O Redes é a força e a união
de muita gente e de muitas
organizações trabalhando juntas
para dar mais valor à agricultura
familiar em Mato Grosso**





Hoje a gente consegue olhar a agricultura familiar de forma mais ampla, consegue olhar para estratégia de mercado e não só focado para você, mas pensando num sistema mais amplo.”

Sullivan da Silva, Coopervila

O Redes hoje é uma somatória de esforços coletivos que ajuda a transformar positivamente a realidade da agricultura familiar no norte e noroeste de Mato Grosso, por meio da melhoria da produção e venda dos produtos dessas famílias na região, e de ações que tornam o meio ambiente mais equilibrado e saudável.

É uma somatória de esforços coletivos porque depende da participação ativa e da colaboração de diferentes pes-

soas e organizações: das associações, das cooperativas, dos governos local, estadual e federal, do mercado regional, de consumidores, de empresas, de agências financeiras, da equipe do ICV e de outras ONGs. Cada pessoa, grupo e organização tem o seu papel e precisa fazer a sua parte bem feita para que os ganhos que o Redes gerou durante esses cinco anos de existência, entre 2018 e 2022, prosperem e frutifiquem ainda mais para todo mundo envolvido.



**O Redes é viveiro
de novas ideias
e novos projetos
que garantem
a continuidade
das iniciativas
nascidas com ele**



A ROTA LOCAL

A visão da Rotal Local nasceu durante conversas em um dos Encontros de Parceiros do Redes realizado no final de 2019. No final de janeiro de 2020, ela começou a ter vida própria por meio de dois projetos complementares, que trouxeram recursos adicionais, dando força para sua ampliação.

A intenção foi criar e testar um arranjo comercial coordenado entre diferentes organizações comunitárias, facilitando e ampliando o escoamento e a comercialização da produção das famílias agricultoras para os mercados locais,

6

organizações
comunitárias

400

famílias
agricultoras

1,5

milhões em
produtos

criando escala na comercialização dos produtos. De lá para cá, a Rota Local vem ganhando espaço e visibilidade regional, bem como apoios de novos parceiros e aprimoramento de sua própria estruturação e organização.

Atualmente a Rota Local reúne 6 organizações comunitárias, cerca de 400 famílias

agricultoras e desde fevereiro de 2020 até novembro de 2022 comercializou mais de 1,5 milhão de reais em produtos in natura. Adquiriu um caminhão refrigerado, containers refrigerados para armazenar a produção e tem desempenhado um papel fundamental na logística, centralização da demanda-oferta e divulgação da produção local.

A REPOAMA: REDE DE PRODUÇÃO ORGÂNICA DA AMAZÔNIA MATO-GROSSENSE

A Repoama é uma rede formada por agricultoras e agricultores familiares da mesma região do Redes, que produzem de modo harmônico com a natureza, e que, a partir da organização participativa, sonham com a certificação de produção orgânica por meio da implementação do Sistema Participativo de Garantia (SPG).

A vontade de criar a rede veio como iniciativa das próprias organizações comunitárias por

inspiração de um intercâmbio de experiências vivenciado por um grupo de participantes do Redes para conhecer a Rede Ecovida, no Rio Grande do Sul, em agosto de 2018. Uma parte das ações da Repoama é sustentada pelo Redes, como os chamados Dias de Campo, e



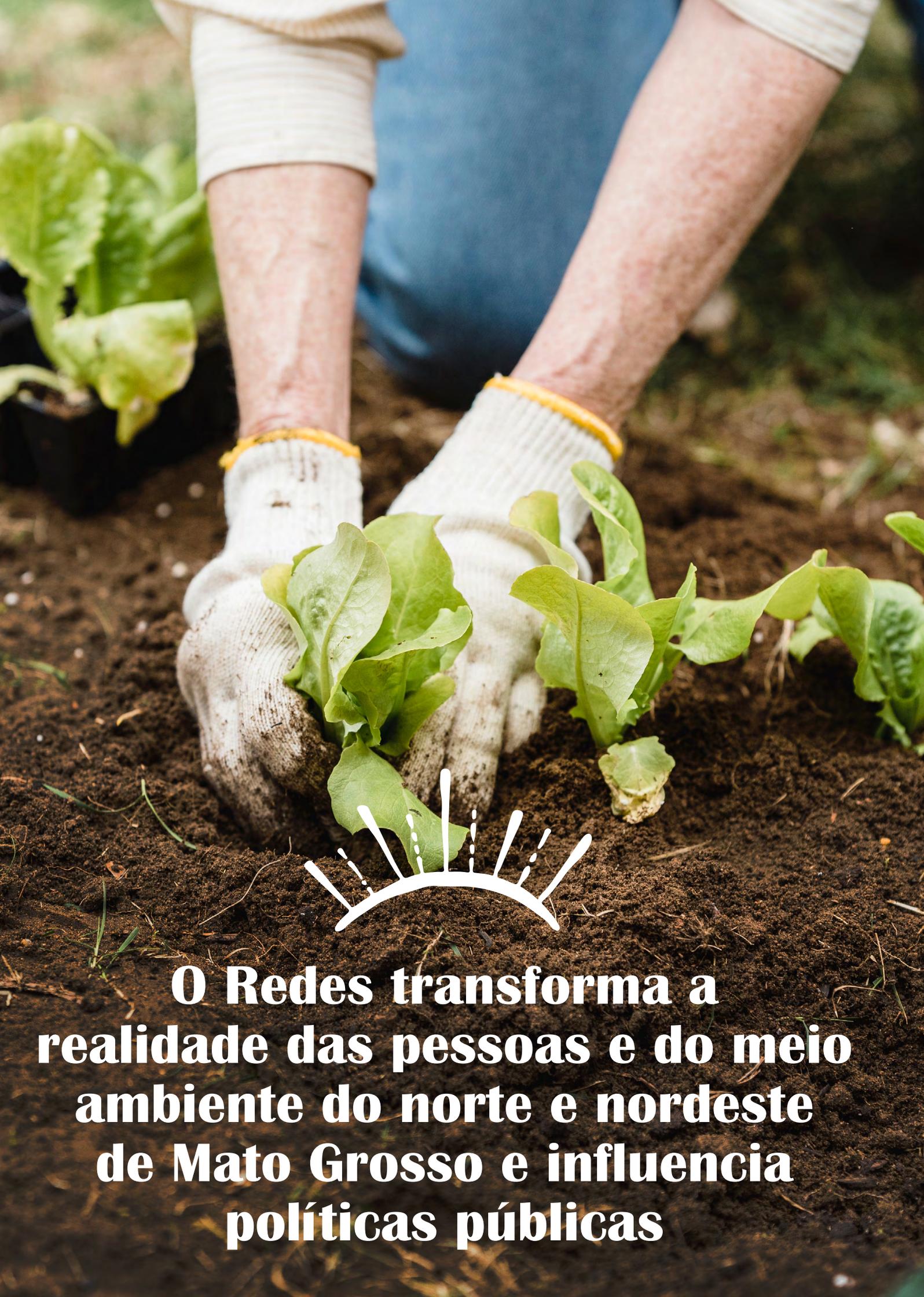
**Certificação
orgânica
ao alcance
de todos**

outras tantas têm sido apoiadas por novos projetos do ICV. Atualmente, a Repoama reúne 13 organizações comunitárias do projeto, organizadas em 3 núcleos regionais (Colniza-Cotriguaçu, Nova Bandeirantes-Nova Monte Verde e Alta Floresta-Paranaíta). É uma rede de famílias agricultoras e o apoio do ICV se dá na elaboração de planos de manejo orgânico, assessoria técnica nas propriedades, assessoria administrativa, capacitações, divulgação e articulação com parceiros. A expectativa é que até o final de 2022 ela seja credenciada como Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade Orgânica (OPAC) pelo Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Desta forma, poderão comercializar seus produtos, que já são produzidos sem o uso de venenos, com o selo de orgânico.



O Fundo Rotativo Solidário

O Fundo Rotativo Solidário, por sua vez, nasce de um amadurecimento da Repoama. O fundo é como uma poupança comunitária que pode ser acessada por meio de microcrédito pelas agricultoras e agricultores que participam da Repoama para apoiar a transição e/ou a produção orgânica. O acesso depende das regras criadas coletivamente para o gerenciamento dele. Essas regras são baseadas na economia solidária. A ideia é que o fundo nunca acabe e possa ajudar quem precisar de apoio para realizar benfeitorias nas suas terras, desde que cumpra os acordos da rede.



**O Redes transforma a
realidade das pessoas e do meio
ambiente do norte e nordeste
de Mato Grosso e influencia
políticas públicas**

Em apenas cinco anos do Redes, incluindo ter que superar uma pandemia e uma pausa no financiamento no meio da realização do projeto, transformações positivas sociais e ambientais ocorreram. Isso pode ser observado, especialmente, no contexto de famílias agricultoras participantes, no mercado local e em aspectos de políticas públicas. Até mesmo no trabalho do ICV ocorreram mudanças significativas, explicaremos isso em outro tópico.



O MERCADO LOCAL

Olhando para o mercado local, são bem conhecidas as barreiras e dificuldades da agricultura familiar em comercializar nos supermercados. São desafios relacionados com diversidade, periodicidade, preço e volume. Por outro lado, restaurantes, varejistas e outras empresas também relatavam dificuldade em comprar direto das famílias por meio das associações e cooperativas.

Hoje em dia, com a Rota Local, que nasceu dentro do Redes, essa realidade vem se transformando pouco a pouco. Agora quem quer comprar pode centralizar seus pedidos na Rota, que, por sua vez, distribui as encomendas para as famílias agricultoras e coordena o fornecimento de alimentos diversos: frutas, verduras, legumes, processados. De um lado, os compradores conseguem saber com antecedência com quais alimentos podem contar de acordo com as suas necessidades; de outro, as famílias agricultoras conseguem comercializar um grande volume de uma só vez. O esforço agora é ampliar a diversidade de produtos ofertados, aprimorar e otimizar cada vez mais a logística da Rota, sem deixar que o caminhão trafegue vazio.

Um frigorífico em Alta Floresta incorporou os alimentos oferecidos pela Rota na composição das refeições servidas aos seus funcionários no dia-a-dia. Por três razões principais, estão muito satisfeitos: sentem que estão contribuindo para a agricultura familiar local, são atendidos com excelência e conseguem um preço melhor do que se comprassem os mesmos alimentos nos mercados locais. Esse parceiro, em contrapartida, conseguiu negociar internamente na sua empresa e antecipar o prazo de pagamento pelos produtos que adquire diretamente da agricultura familiar via Rota Local para quinze dias. Além disso, a vontade dessa empresa é poder divulgar esse trabalho para que mais gente tenha acesso aos produtos.

AS POLÍTICAS PÚBLICAS

Em se tratando de políticas públicas voltadas à agricultura familiar no estado de Mato Grosso, além da concepção do projeto ter sido integrada à elas, algumas das soluções alcançadas pelo Redes em sua execução serviram como inspiração e modelo para quem faz a política pública. Vejamos a seguir.

Parte importante dos esforços de fortalecimento e desenvolvimento realizado com as associações e cooperativas, foi destrinchar os aspectos tributários e jurídicos das organizações comunitárias.

Atentos para os desafios das lideranças comunitárias em realizar essa gestão, principalmente pela dificuldade de compreender termos técnicos e discernir sobre os passos a seguir, com a intenção de popularizar e facilitar com que as informações e práticas acerca das obrigações jurídicas e tributárias se tornasse mais acessível para todos, foi elaborada a cartilha "Agricultura Familiar: leis, obrigações e impostos".





Nela há esclarecimentos sobre emissão de notas fiscais por associações comunitárias, ICMS dos produtos das cadeias de valor apoiadas pelo projeto, inscrição estadual de produtor rural, MEI e aposentadoria rural. Isso provocou, motivou e influenciou a Secretaria Estadual de Agricultura Familiar (SEAF) de Mato Grosso, que já tinha consciência das dificuldades das famílias produtoras em emitir nota fiscal e pagar impostos por exemplo, a criar um pacote de benefícios tributários específico à agricultura familiar, de acordo com George Lima (servidor de carreira da SEAF).

A equipe do Redes apoiou a emissão de várias DAPs (Declarações de Aptidão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – DAP/ Pronaf), para que os agricultores pudessem acessar recursos federais a juros baixos. Todo esse movimento provocou a criação da Comissão Técnica (Resolução nº 05/2019/CEDRS) do Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural Sustentável de Mato Grosso, buscando criar uma proposta para facilitar a regularização fiscal e reduzir ou isentar a carga tributária que incide sobre a agricultura familiar mato-grossense.



Nessa mesma toada, a arquitetura de estufa para hortaliças que o projeto desenvolveu, por se mostrar funcional e bem acessível, foi adotada como modelo pela SEAF nos próprios projetos da secretaria. Em parceria com a ONF Brasil, com o conhecimento e a experiência da ACCPAJ (Associação de Coletores e Coletoras de Castanha-do-Brasil do PA Juruena) sobre manejo de castanha, foi elaborado o primeiro Plano de Manejo Florestal Sustentável Não Madeireiro da Castanha-do-Brasil do estado de Mato Grosso. Em diálogo com políticas públicas, uma frente de atuação também foi a participação e colaboração em conselhos municipais de

Meio Ambiente, no Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural Sustentável e na Comissão de Produção Orgânica de Mato Grosso (CPOrg/MT).

Outro mérito do Redes, por meio da Rota Local, é ter criado um arranjo institucional conectando escolas, conselhos, organizações de produtores e logística visando o atendimento aos mercados institucionais. Foram realizadas capacitações dos conselhos, estudos sobre desafios no mercado institucional, visitas às escolas, incidência em editais. As crianças da região passaram a ter maior acesso aos alimentos locais nas merendas escolares.



AS FAMÍLIAS AGRICULTORAS

As mudanças mais notórias estão no contexto de famílias agricultoras participantes do Redes e em suas organizações comunitárias. É possível observar o contentamento dessas pessoas ao se reconhecerem como pertencentes de um movimento maior que está transformando o modo como a agricultura familiar é vista e praticada na região, ganhando em produtividade e em qualidade de seus produtos. As famílias declaram que têm obtido benefícios diretos na saúde, no bem estar físico e emocional por praticarem cultivos e produções mais salutares em suas terras e por interagirem mais com sua própria comunidade. E, ainda, são felizes por poder contribuir para a recuperação ambiental de áreas degradadas ao escolherem transitar para um modelo de produção ecologicamente mais equilibrado do que o convencional. Somado a tudo isso, como não poderia deixar de ser, o incremento de renda é fator que faz diferença significativa na vida dessas famílias.



Um ótimo exemplo de transformação positiva de realidade é o do casal Roseli Alves de Brito e Osvaldo de Brito. Até 2018, antes do Redes, eles trabalhavam no modelo convencional de produção e não obtinham grandes recompensas. Com a participação no projeto, passaram a desfrutar de maior renda gerada totalmente com a implantação de uma horta orgânica e de outros alimentos e frutas provindos da agrofloresta que plantaram, sendo essa planejada junto ao desenvolvimento da cooperativa que fazem parte, a Coopervila, que demandará esses produtos para o processamento de polpas de frutas. Mesmo que nesse meio tempo tenham tido que viver o infortúnio de perder toda a produção orgânica de hortaliças por conta de veneno lançado por avião numa fazenda vizinha em área de pastagem que atingiu diretamente a terra deles por deriva, e que tenham levado cerca de cinco meses para conseguirem se recuperar, o casal de plantadores tornou-se referência em produtividade orgânica e em sistema agroflorestal na região. O dia de campo realizado na propriedade do casal para gerar trocas de conhecimento teve que ter limites de inscrições por tanta procura.



Contudo, para a gente poder compreender com profundidade o que a experiência prática do Redes transformou de positivo na realidade da sociedade do norte e nordeste de Mato Grosso ainda vai levar um tempo. Será preciso acompanhar as famílias agricultoras e os parceiros bem de perto. Será preciso monitorar, como exemplo, o quanto a renda das famílias aumentou efetivamente, o quanto o mercado local está absorvendo a

produção da agricultura familiar de fato e se ele topará pagar um pouco a mais pelo benefício de ter o acesso facilitado à uma produção mais nutritiva e saudável por ser mais natural. E como as ideias e novos projetos que nasceram com o Redes vão se sustentar no futuro sem o aporte financeiro do próprio Redes. De todo modo, tudo indica que esse futuro será ainda mais farto e feliz para todas as pessoas envolvidas.



3 Como o Redes faz o que faz?



Se fosse só pra trabalhar, a gente até que é bem animada, mas não tinha conseguido o que conseguiu. A gente não tinha sabedoria desses fundos para conseguir, a gente não sabia como fazer um projeto. Através do projeto e do ICV a gente foi aprendendo. Eles foram ajudando a colocar na cabeça da gente o que a gente precisava, o que a gente queria e a gente foi conseguindo.”

Leidimar Maria Eloy Mora, Associação Ouro Verde, de Cotriguaçu

TUDO COMEÇA COM UMA BOA CONVERSA E ISSO É AGIR JUNTOS

Para o Redes cumprir a missão de ajudar as famílias agricultoras a estruturar, desenvolver e potencializar as cadeias de valor que participam, melhorando a vida e a qualidade ambiental ao redor, foram necessárias horas e horas de variados tipos de conversas com muita gente diferente.

No início, o objetivo das reuniões era apresentar e com-

partilhar com o pessoal, as organizações comunitárias e parceiros qual era a proposta do projeto, quais benefícios e atividades estavam previstas, as expectativas, as oportunidades de articulação entre os grupos, o que se vislumbravam para o futuro. E esse futuro era em diálogo, pois nessa abordagem foi essencial uma construção conjunta, onde as vontades dos grupos tinham

voz para desenharem juntos esses caminhos. Depois vieram as conversas de mão-na-terra: de aprender a como melhorar a produção, de como passar a cultivar sem veneno, de como interagir e envolver mais gente no processo, de como conseguir expandir a venda dos produtos no mercado local. No meio da história, infelizmente, foi preciso muito papo sobre como superar os desafios impostos pela pandemia e inventar meios para não deixar o projeto morrer e continuar trabalhando juntos. Superando essa fase, as atividades presenciais retomaram o fôlego e o ânimo, abrindo espaço para se tratar dos desdobramentos do projeto para as famílias, as associações, as cooperativas e os parceiros da região, além de celebrar as conquistas e os movimentos de futuro alavancados com o Redes.

Essas interações foram realizadas em diferentes formatos e arranjos. Em algumas delas era possível reunir representantes das organizações comunitárias ao mesmo tempo porque tinham caráter trans-

versal, como nos intercâmbios, nas capacitações de gestão, nos dias de campo, nos encontros de parceiros, na promoção de eventos socioambientais. Criar espaços de encontro entre organizações da agricultura familiar, ao longo de todo esse tempo, para compartilhar e sonhar junto foi muito poderoso, foi quando começamos a sonhar grande. Em outros casos, era importante trabalhar separadamente com as famílias e os representantes das organizações por cadeias de valor englobadas no Redes - de hortifrutigranjeiros, do café, do leite, da castanha, do babaçu e do cacau -, como nos diagnósticos participativos das organizações comunitárias, nos mapeamentos das cadeias de valor, nos planos de viabilidade de negócio, em capacitações técnicas específicas para melhoramento de produção, nas decisões sobre os investimentos, na viabilização de insumos e equipamentos de acordo com cada uma das atividades produtivas.



Tudo gera aprendizado individual e coletivo: a participação desfaz mitos e quebra tabus, especialmente quando a vivência reúne gente que produz



AS VIAGENS DE INTERCÂMBIO

As viagens de intercâmbios relacionadas às cadeias de valor do leite, café, cacau, babaçu e hortifrutigranjeiros para os estados do Pará, Rio Grande do Sul, Maranhão, São Paulo, de modo geral, ajudaram a ampliar a visão sobre cada uma das etapas dos processos produtivos, inclusive os desafios a serem superados até a venda dos produtos, trazendo maior clareza e consciência aos participantes sobre os esforços necessários para que cada cadeia pudesse dar os frutos almejados por todos.

Algo que marcou as intercambistas que foram conhecer a experiência da Campfax (Cooperativa Alternativa Mista dos Pequenos Produtores do Alto Xingu), de São Félix do Xingu, no Pará, em maio de 2018,

foi saber que as dificuldades dessa organização foram superadas porque houve união e a organização comunitária para o cooperativismo, bem como o uso de boas práticas de produção e beneficiamento do cacau. Outro potente resultado desses intercâmbios foi a criação da Repoama (Rede de Produção Orgânica da Amazônia Mato-grossense) inspirada na Rede Ecovida, localizada no Sul do Brasil. Nesta viagem realizada entre o fim de julho e início de agosto de 2018, houve muitas trocas de saberes sobre sistemas de produção, articulação entre grupos e movimentos sociais, além de sublinhar a importância de se alavancar e viabilizar o mercado de produtos orgânicos para a região do Redes.



OS DIAS DE CAMPO

Os dias de campo também são momentos de interação e troca direta de saberes entre os produtores e com os técnicos, onde todo mundo aprende um pouco mais.

É inspiração impulsionadora de transformações no modelo de produção a partir dos exemplos e da aprendizagem prática com a mão-na-terra. Nesses momentos, buscam-se quebrar tabus, vencer preconceitos e demonstrar a viabilidade econômica dos sistemas de produção estudados coletivamente.

Um exemplo foi o dia de campo sobre a produção orgânica, realizado nas chácaras Novo Horizonte e Vida Verde, que contou com a participação de cerca de 100 pessoas, uniu famílias que produzem hortifruti convencional e orgânico, certificados e não certificados. Ao final, a experiência mobilizou a transição de 25 propriedades para produção orgânica. Na ocasião, o agricultor Sérgio Farias Feitosa, sensibilizou-se e declarou: "o que mais chamou atenção foi ver o quanto o seu José Rufino produz em

apenas um alqueire de terra e sustenta toda sua família com essa produção. Vou mudar definitivamente para o orgânico. É um sonho antigo, mas achava muito difícil. Depois do que aprendi hoje, tenho certeza que dará certo". Essas experiências trazem luz para uma qualidade toda especial do aprendizado quando se dá de agricul-

tor para agricultor - é uma mesma linguagem, uma história semelhante, que encoraja e mostra que é possível. Não é uma palestra teórica, é um testemunho. Ao longo do projeto foram 04 dias de campo realizados com foco na produção orgânica e agroflorestal, reunindo mais de 100 agricultores e agricultoras em cada um deles.

ENCONTROS DE PARCEIROS

Os Encontros de Parceiros, por sua vez, são grandes reuniões agregando, principalmente, as lideranças representativas das organizações comunitárias, agentes governamentais, ONGs, e demais pessoas envolvidas com o Redes. O propósito de cada evento é definido de acordo com a fase do projeto. Com presença de cerca de 80 pessoas em cada um deles, de modo geral, acontecem acordos, pactuações, prestação de contas do projeto, planejamentos participativos, busca de soluções para os desafios coletivos, ajustes das estratégias para melhor realização do projeto, novas iniciativas, a busca de compreensões mútuas e oportunidade de articulações e fortalecimento de sinergias entre as cadeias de valor. O Encontro inaugural do Redes ocorreu em 1º de março de 2018, em Alta Floresta, com muita empolgação, boas projeções de futuro e moda de viola. Ao longo dos cinco anos do Redes, mesmo com a pandemia não deixaram de realizar esse encontro, tanto que uma vez ele foi realizado virtualmente para não perder sua riqueza e ritmo.



PERCURSOS FORMATIVOS, CURSOS E CONSTRUÇÃO DE CAPACIDADES LOCAIS

Os percursos formativos proporcionaram meios para o desenvolvimento de lideranças e demais representantes das organizações comunitárias, além da própria equipe anfitriã do Redes e outros profissionais dedicados à agricultura familiar. Com foco em fortalecimento das organizações e nos empreendimentos comunitários, e na gestão, ocorreram

capacitações em: associativismo e cooperativismo, gestão administrativa e contábil das organizações, viabilidade econômica de empreendimentos comunitários, elaboração e gestão de pequenos projetos e mobilização de recursos, e modelagem e gestão de negócios comunitários. Ao todo foram mais de 60 processos de capacitação.

Nesse sentido, uma forte conquista foi o curso intitulado Agente de Desenvolvimento Cooperativista, realizado via termo de cooperação multidisciplinar firmado entre o Instituto Federal de Mato Grosso-IFMT (FIC – Formação Inicial e Continuada) e o ICV, que tratou de conhecimentos e práticas aplicadas à realidade das associações e cooperativas. Foram aulas presenciais e práticas de campo incluindo temas como comunicação, informática, gestão e facilitação de grupos, educação para sustentabilidade, análise econômica, planos de negócios e legislação. O curso foi realizado entre dezembro de 2018 e maio de 2019, com 160 horas e a participação de 34 lideranças das organizações comunitárias. A celebração de encerramento teve formatura, festejando com familiares, amigos e professores a perseverança e conquista dos 31 alunos que conseguiram finalizar a formação. Para alguns participantes, esse foi o curso mais importante já feito. Foi o primeiro acesso de algumas pessoas ao ensino superior

público, entrando no IFMT em Alta Floresta e ocupando esse espaço. Criar um curso específico para a agricultura familiar nessa parceria foi uma ação inovadora.

Fato interessante relacionado à construção de capacidades locais, é que uma associação e uma cooperativa fortes dependem de muito esforço de gestão e organização interna que é invisível para quem não participa. Desse modo, tão fundamental quanto o apoio e a assessoria técnica que o Redes oferece para as famílias agricultoras na parte de melhoria da produção, do beneficiamento, de divulgação e comercialização dos produtos, é o suporte dado para as organizações comunitárias.

Todas as pessoas envolvidas nas cadeias de valor apoiadas pelo Redes participam de alguma associação ou cooperativa, que existe para apoiar e fortalecer as famílias agricultoras. E, na maioria das vezes, é justamente por essas pessoas estarem vinculadas a essas organizações que conseguem

acessar benefícios, tal como a própria oportunidade de aproveitar o que o Redes pode oferecer. E para que a associação ou cooperativa possa dar o máximo de retorno para quem participa dela, há muito trabalho interno de organização e gestão para que todas as outras atividades, desde a produção até a comercialização,

possam ocorrer a contento e cada vez com mais potência. Esse grande esforço, muitas vezes, passa despercebido aos olhos de quem está mais longe dessa gestão.

Sendo assim, o Redes investiu na assessoria dos processos de gestão administrativa, contábil, tributária, jurídica e



60
processos de
capacitação

Comunicação, informática, gestão e facilitação de grupos, educação para sustentabilidade, análise econômica, planos de negócios e legislação.

de regularização das associações e cooperativas. O primeiro passo foi realizar um diagnóstico de cada organização comunitária, identificando pontos fortes e o que precisava ser melhorado. E o planejamento das ações foi feito em cima desses pontos fracos em diálogo com as lideranças. Houve capacitações sobre viabilidade econômica e gestão democrática de empreendimentos associativos com a equipe do projeto e com lideranças comunitárias. Eliane, associada à APRAL que participou do FIC, curso citado anteriormente, comentou que aprendeu muito nessa formação, e se percebeu mais preparada para contribuir na gestão e organização da sua associação.

Ações intensivas para melhoria da gestão de algumas cooperativas foram realizadas. No início do projeto, por exemplo, foi feito o diagnóstico da gestão e readequação com especialistas para a COMOV, implantando novos procedimentos internos de controle de estoques, con-

troles gerenciais, financeiros e de arquivamentos. Com o aprimoramento dos processos administrativos e contábeis, houve uma melhoria na receita líquida da cooperativa (quando comparado ao mesmo período do ano anterior) de 85,7%. Esse apoio também contribuiu para se ter certeza da receita líquida por mês, trazendo dados para um contínuo desenvolvimento da gestão.

Outras organizações comunitárias também foram contempladas com assessoria jurídica, tributária, contábil e administrativa, fortalecendo tanto a participação efetiva dos associados quanto a gestão interna. Com as revisões estatutárias, a adequação às normas legais, a inserção de artigos específicos para a comercialização de agricultores familiares associados, a readequação da CNAE e inscrição estadual, o cadastro de contribuinte, a organização da documentação e a regularização de terrenos, foi possível participar de oportunidades de negócios, como

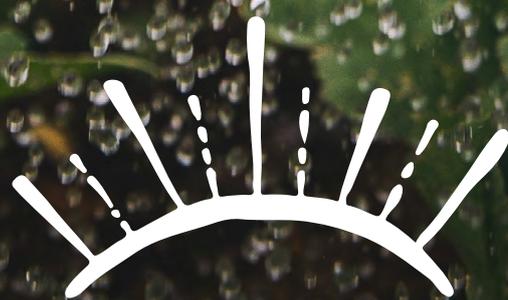
vendas para mercados institucionais e emissão de notas fiscais. Dessa forma houve reestruturações administrativas e um maior planejamento financeiro de muitas associações e cooperativas. Nesse sentido, também foi realizada a oficina intitulada Gestão e Contabilidade no Terceiro Setor no município de Nova Bandeirantes para quatro das organizações participantes do Redes. Nela, foram abordados aspectos jurídicos, gestão financeira e prestação de contas, contabilidade, qualidade e ética.

EVENTOS SOCIOAMBIENTAIS

Os eventos socioambientais, incluindo fóruns, encontros temáticos regionais apoiados pelo Redes criavam oportunidade para se ampliar e aprofundar aprendizados tanto de caráter científico quanto os populares, unindo esses saberes, buscando com isso caminhos alternativos para se influenciar políticas públicas e inovar no desenvolvimento da Agricultura Familiar em Mato Grosso.

Alguns exemplos são: o apoio ao Programa de Pesquisa em Resiliência da Agricultura Familiar no Norte e Noroeste de MT, a participação no I Encontro de Mulheres da Bacia do Juruena, e no 5º Congresso Regional da Agricultura Familiar e Oficina de mobilização para a Chamada de Negócios

PPA 2019 (Parceiros pela Amazônia). A realização do I Fórum de Economia Rural Feminista da Região Norte e Noroeste de Mato Grosso, em formato virtual. O Festival Gastronômico de Alta Floresta, que foi importante por representar a primeira interlocução com restaurantes da região. Este evento foi promovido com vídeos em realidade virtual dentro da feira, contou com um chef de cozinha que ofereceu aula com os produtos do projeto e numa banca era possível se deliciar com lasanha de pupunha feita 100% com produtos do Redes. E como não poderia deixar de ser, o Redes apoiou a comercialização em Festivais locais, como no 7º Encontro de Saberes e Sabores, no V Festival Juruena Vivo (Juína).



**Onde se recupera a floresta, a água
flui em abundância. É uma troca: as
famílias recuperam as florestas
e a natureza oferece a água**

Um dos princípios do Redes é ajudar as famílias a produzirem mais e com qualidade ambiental. E isso é feito em cooperação com a natureza. Ao longo de todo o projeto foram realizadas ações de apoio na restauração e recuperação de áreas degradadas, pensando na importância da conservação ambiental e no cuidado com as águas, pois uma Área de Preservação Permanente (APP) com suas nascentes florestadas propicia constância e volume de águas muito maior, o que é importante para as cadeias produtivas. Assim, é gerado um ciclo positivo de cooperação entre as pessoas e o meio ambiente.



No Redes, as estratégias de produção ensinadas, propostas e realizadas têm como prioridade serem embasadas em abordagens com impacto socioambiental positivo, como a produção orgânica, agroecológica e agroflorestal. Dessa forma, os próprios meios de produção sustentáveis colaboram para a recuperação da flora e fauna nativa. Quando se cuida das florestas, cuidamos dos cursos d'água e das margens dos rios. E cuidando das nascentes as produções também são cuidadas. Com isso, é a natureza que nos dá, como dádiva, essa essencial água para vivermos e produzirmos. O cuidado com o meio ambiente e a produção de base ecológica se potencializam e fortalecem um ao outro.



Com essa intenção foi feita a elaboração de mapas (com uso de drone) e planejamento participativo do restauro florestal, levantamento do passivo ambiental das propriedades envolvidas, dos dados de campo, e outros novos mapeamentos de áreas para restauração de Áreas de Preservação Permanente (APPs), contribuindo para o monitoramento e organização de

informações, gerando um banco de dados robusto da restauração; elaboração do Mini PRADA (Projeto de Recomposição de Áreas Degradadas e Alteradas) para documentação das ações de adequação ambiental das propriedades; publicação de um infográfico sobre mitos e verdades da restauração florestal; montagem de sistemas de bombeamento de água de represas ou de nascentes, com distribuição até cochos no pasto, retirando os animais das APPs e melhorando o desempenho produtivo; capacitação de restauro florestal para produtores; e distribuição de insumos necessários como sementes, mudas, adubação, cercas e arames (para permitir que as mudas possam crescer protegidas, uma vez que seriam pisoteadas pelo acesso do gado nas áreas de preservação, sendo esses eventos muito danosos para a recuperação e preservação delas).

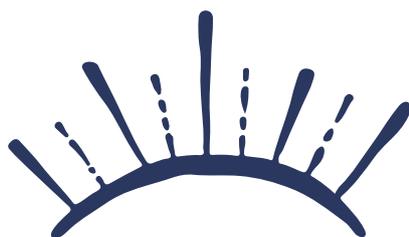
Essa recuperação foi realizada de várias formas, sendo elas: condução da regeneração natural assistida, restauração florestal com plantio de sementes e mudas e sistemas agroflorestais. Esses restauros, feitos com sistemas agroflorestais voltados para o plantio de espécies como cacau, café e diversas frutíferas, trazem benefício ecológico e econômico para os agricultores familiares. No total foram 146 hectares semeados e em processo de recuperação.





“O que chama atenção é essa particularidade da agricultura familiar: quando a gente chega na terra é uma gama de produtos e produções. Às vezes eu vou lá só para falar de café, mas tem suíno, frutas, hortaliças. Então, é positivo poder trazer essa diversidade de produção, trocar mais, agregar valor... é muito positivo essa conectividade, esses elos entre as cadeias.”

Jessé Carvalho, equipe do ICV



O que aconteceu com as cadeias de valor apoiadas pelo projeto?

Colocamos adiante uma lupa nas cadeias de valor de hortifrutigranjeiros, café, leite, castanha-do-brasil, babaçu e cacau fomentadas pelo Redes, tentando tornar mais viável as conquistas específicas de cada uma delas.

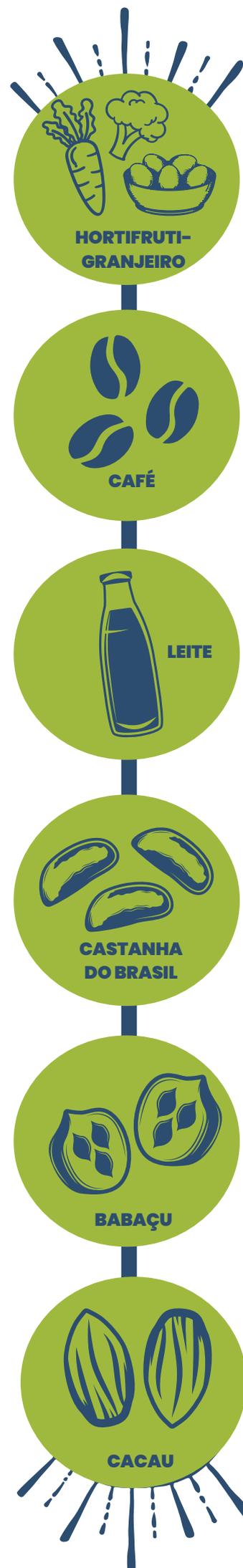


Ao mesmo tempo, é imprescindível lembrar que uma das fortalezas do Redes é trabalhar tais cadeias de modo unido, articulado, conectado e complementar. Cuidando das singularidades de cada uma delas, ao mesmo tempo que entrelaça inovações para solucionar os desafios comuns. Esse entrelaçamento das cadeias aconteceu de forma ainda mais integrada em algumas associações, frequentemente em grupos de mulheres que, além de suas atividades com o café, o babaçu, a horta e a castanha, tiveram cozinhas construídas ou reformadas, equipamentos adquiridos e apoio na legalização desses espaços para o beneficiamento dos alimentos, produzindo doces e outros produtos. A tentativa é potencializar essas cadeias juntas, fazendo o máximo para que os empreendimentos comunitários se tornem lucrativos, alcançando sustentabilidade, a melhoria da qualidade de vida das pessoas, e sempre cuidando do meio ambiente.



Muitas das ações e resultados relatados dentro de uma cadeia, poderiam estar numa outra. Especialmente, quando se observa as cadeias agrupadas em: (1) atividades extrativistas, incluindo a castanha-do-brasil e babaçu; e (2) atividades agropecuárias, com café, leite, cacau e hortifrutigranjeiros.

BORA DAR UMA ESPIADA?





AS DELICIOSAS E SAUDÁVEIS HORTAS E POMARES: A CADEIA DE HORTIFRUTIGRANJEIROS

A característica básica dessa cadeia é ter um ciclo curto, sendo assim, mais rapidamente se vê se as ações que estão sendo tomadas estão dando certo ou não. E no Redes, essa cadeia brilhou demais. O primeiro passo desse trabalho foi encontrar as limitações, demandas e fortalezas das famílias produtoras e de suas organizações representativas. Os planejamentos, então, foram desenhados em cima das dificuldades – seja na produção, pós-colheita, na logística, ou comercialização.

A partir dessas conclusões foram oferecidas assessorias técnicas e compartilhados insumos para viabilizar uma produção ainda mais abundante, tais como: irrigação, poços, estufas, mudas, análises de terra, bancadas pós-colheita e adubos. O técnico responsável chegou até mesmo a desenhar um modelo de estufa que fosse mais barato e replicável, para assim conseguir atender vários agricultores com custo baixo. **O tutorial teve mais de 20 mil visualizações em um ano, confira clicando [aqui](#).** →

Algumas pessoas conseguiram criar outras estufas seguindo o mesmo modelo devido sua acessibilidade, o que gerou ainda mais autonomia e continuidade. Tamanho foi o custo-benefício desse modelo de estufa, que a própria SEAF o adotou como estratégia. Foram 95 estufas com irrigação implementadas pelo projeto.

Com foco no processamento dos alimentos, uma grande contribuição do Rede foi na construção de uma agroindústria de polpas de frutas na



Coopervila. Com ela, a cooperativa busca processar frutas dos cooperados para aumentar o valor do produto final, alcançar novos mercados e garantir uma maior durabilidade dos produtos em comparação com os alimentos perecíveis in natura.

Outro aspecto essencial do desenvolvimento dessa cadeia de valor foi o seu im-

pacto positivo para o cultivo orgânico. No início do projeto havia apenas cinco agricultores que produziam sem agrotóxicos. Todos os outros tinham cultivos convencionais. Durante as visitas técnicas, eram trazidas práticas para um cultivo mais eficaz e que evidenciavam ser possível dispensar o uso de insumos agrícolas tóxicos (pesticidas, herbicidas, adubos químicos, etc.), demonstrando a importância dessa mudança para a saúde da terra, da água, das plantas, dos animais, das pessoas que produzem e daquelas que comem. Dessa forma, começaram a introduzir hortas orgânicas e agroflorestas, prática que integra plantio de espécies agrícolas e espécies arbóreas na mesma área, trazendo mais economicidade para a produção.

Atualmente, há 52 famílias agricultoras com plantio orgânico dentro da cadeia, os quais muitos produtores pretendem certificar por meio da Repoama. Muitos agricul-

tores achavam que não era viável, porém conhecendo outras propriedades que tinham esse plantio diferenciado, perceberam as vantagens: “Eu quero entrar nisso”. E os agricultores se mobilizaram porque havia uma demanda grande de produção de hortifrúti na região.

A cadeia de valor de hortifrúti movimenta hoje mais de 150 mil reais por mês, alcançando quase 2 mi/ano. Para esse sucesso adquirido nesses cinco anos do Redes, a equipe considera que é importante os agricultores trabalharem em grupo, por meio de um sistema organizado. Em hortas e pomares, não é possível gerar estoque, pois os alimentos são muito perecíveis. Então, faz diferença ter um grupo que trabalha junto para comercializar e fazer girar a cadeia. Dessa cadeia frutificaram a Repoama e a Rota Local, que são duas iniciativas consideradas por muita gente como grandes diferenciais do Redes.



CAFÉ, UM CULTIVO AFETIVO QUE PODE GERAR RENDA E RESTAURAÇÃO FLORESTAL

No período de realização do Redes, o café teve uma valorização nacional. Muito disso ocorreu porque regiões que são consideradas produtoras tradicionais do grão sofreram baques de produtividade pela questão climática. Unindo o preço mais alto e os incentivos do projeto, algumas famílias de imigrantes vindas de Minas Gerais e do Paraná, principalmente, que já tinham experiência e memória afetiva com o cultivo do café, porque cresceram nesse meio, se agarraram na oportunidade de incrementar a sua produção via o projeto.

Um dos grandes desafios é manter os pés de café saudáveis e dando resultados nos períodos de seca amazônica. É inviável investir em irrigação e sustentar a produção para quem não tem recursos financeiros. E o Redes permitiu que as famílias tivessem acesso a insumos para se prepararem para as estiagens com os kits irrigação. Famílias que chegaram a perder cerca de 70% da produção, como é o caso do Rodrigo Alves da Silva, atual coordenador-geral da Repoama, que vem conseguindo superar as secas.

Maria Margarida, moradora de Cotriguaçu, representante das associações Mulheres Paz e Santa Clara, deseja aumentar sua produção, que hoje conta com 1500 pés de café. Ela relata que sonhava em ter o café

que tinha em Minas Gerais, sua região de origem. Hoje a agricultora passou a ser exemplo e inspiração para outras famílias que não acreditavam ser possível plantar café por ali, e estão migrando do gado para esse cultivo. Elaine Cristina Guilherme, atual presidente da associação São Brás, de Nova Bandeirantes, não vê a hora de conseguirem superar as burocracias e torrarem o primeiro café na torrefação que será construída para a associação. O projeto para a torrefação foi feito pela associação em parceria com o Redes. Ela conta que os associados estão ansiosos para ver o que é que vai mudar no trabalho de todo mundo. A visão é levar os produtos para outras cidades, porque tem demanda: - "As pessoas estão esperando pelo nosso café torrado!".

Muitas foram as ações empreendidas pelo Redes para impulsionar essa cadeia de valor, tais como:

1

intercâmbios entre produtores;

2

visitas de assessorias técnicas para orientar sobre podas, espaçamento para plantio de mudas, adubação com pó de rocha, roçada de plantas espontâneas, utilização de adubação verde, restauração;

3

análises de solo nas terras das famílias;

4

oficinas para instalação dos sistemas de irrigação;

5

apoio na organização dos dados de produção e comercialização, incluindo melhorias em marcas e embalagens, estudos de mercado do café processado e em grão, oficinas de gestão de negócios comunitários para melhorar a torrefação, acesso e atendimento ao mercado, e apoio na busca de novos projetos;

6

contato com parceiros e prefeituras para regularização de documentações e viabilização de construções para os empreendimentos comunitários.

Um dos belos frutos do investimento na cadeia do café, assim como o de outras cadeias de valor, foi recuperar e fortalecer o senso do trabalho coletivo, da fraternidade entre a vizinhança das famílias produtoras. Ainda, envolver e despertar mais jovens e mulheres para esse cultivo.

Outra colheita fundamental, se refere à migração de cultivos para um modelo de produção mais sustentável e agroflorestal, com princípios agroecológicos, convertendo áreas degradadas em áreas produtivas, bem como a restauração de hectares e mais hectares de APPs nas terras das famílias. Atualmente, são 45 famílias do projeto trabalhando com o café agroflorestal ou orgânico, no início eram apenas 2.



TORNAR A CADEIA DO LEITE MAIS SUSTENTÁVEL, É TAMBÉM PROPORCIONAR MAIS BEM-ESTAR PARA AS PESSOAS ENVOLVIDAS

A pecuária leiteira convencional é antiga na região, e vista por muitos como atividade produtiva importante para Mato Grosso. O Redes contribui com técnicas que propiciam grande transformação no manejo do pasto e das vacas, bem como insumos e

estruturas que apoiam a produção e o processamento de um leite mais sustentável.

Com o gado leiteiro e de corte, costuma-se utilizar áreas grandes para produção. Mesmo na agricultura familiar, normalmente, há uma mé-

dia baixa de cabeças de vacas por hectare. Nesse sentido, o Redes trouxe assessoria técnica para se intensificar a produção leiteira. Os técnicos ensinaram o manejo da pastagem com planejamento forrageiro e com o piquete no modelo rotacionado, onde o gado fica períodos de tempo menores em pequenas parcelas de pasto. Para a implementação dessas técnicas, foram doados materiais para cercas, arames com choque, piquetes e foram feitos diagnósticos das propriedades com coleta de amostras de solo para análise e indicação da adubação da terra. Com esse manejo, muitas famílias conseguiram manter o pasto verde, mesmo nos períodos de seca, alcançando uma produção de leite com maior constância ao longo de todo o ano sem perder animais por desnutrição.

Essas técnicas de intensificação permitem que o pecuarista trabalhe com mais cabeças numa área menor, podendo chegar até 14 animais por hectare, isto é, até 14 vezes acima da média na-

cional que é de 1 cabeça. José Thomaz da Silva Filho, participante do Redes, comentou que antes tinha uma terra de 20 alqueires na qual ele nunca tinha conseguido produzir mais de 70 litros ao dia. Hoje, ele chega a produzir 120 litros por dia na terra em que vive com 5 alqueires.

Gilvan Freire e sua esposa sozinhos produzem cerca de 600 litros por dia graças à intensificação e diversos outros saberes que aplicam para obter um gado produtivo, e uma pastagem adubada vigorosa. Houve produtores que puderam, inclusive, deixar de arrendar terras em decorrência do melhor uso da sua área com o manejo rotacionado, diminuindo seus gastos. Dessa forma, algumas famílias realizaram sonhos: compraram carro, reformaram a casa, viajaram de férias! A senhora Rosinha Ferreira e sua irmã Vera Lúcia Ferreira hoje conseguem se locomover muito mais tranquilamente pelas estradas de terra no carro comprado. No início, elas produziam 30l de leite por dia e hoje tiram 190l com a mudan-

ça do manejo em apenas 5% de suas terras. Elas contam que antes as vacas não tinham comida suficiente e que hoje conseguem alimentá-las adequadamente o ano todo: “nunca achei que teria tanta comida para minhas vacas como estou tendo hoje”. Ao todo, foi feita a instalação de 38 unidades de produção leiteira com a adequação ambiental das terras.

Outro relevante apoio do Redes para as famílias foi a doação de sistemas de bombeamento de água compostos por placas solares fotovoltaicas, bombas e caixas d’água em contrapartida à instalação de canos. Um dos resultados dessa medida foi propiciar que nenhum animal morresse nas APPs – devido a atolamentos nas encostas de nascentes, rios e lagoas que os animais podem sofrer buscando água para beber –, além de evitar o pisoteamento do gado nessas áreas garantindo sua regeneração e preservação. A agricultora familiar Vera Lúcia da Conceição Ferreira Rodrigues, que toca sozinha sua pecuária leiteira, disse que era seu sonho poder trazer água para suas vacas e que achava que era impossível, já que ficava distante da casa e do cocho: “mudou a minha vida e a vida das vacas”.

Agregando a tudo isso, foi feito um trabalho com implementação de 10 unidades demonstrativas de biodigestores para gerar gás natural com a decomposição do esterco, o qual pode posteriormente ser utilizado como adubação da pastagem. **Confira o tutorial neste link.** Também foram realizadas experiências com sistemas silvipastoris, combinando intencionalmente ár-



vores, pastagens e gado numa mesma área, buscando uma maior integração de cultivos e diversidade de produção. O senhor Toninho, um dos agricultores familiares que recebeu o biodigestor e que possui tanto o gado leiteiro quanto o café, frutíferas e horta, disse que não teria conseguido permanecer produzindo na terra se não fosse a ajuda do projeto. **Veja mais dessa história neste link.** →



A troca de aprendizagens proporcionada pelo encontro entre assessor técnico e pecuaristas, e de pecuaristas com pecuaristas, unindo pessoas com distintas experiências, foi essencial para a disseminação desses saberes e práticas. E claro, os técnicos também aprenderam muito. Durante e após a pandemia também houve assessorias técnicas a distância.

Além dessas atividades mais voltadas ao produtor, ocorreu também forte atuação direcionada às organizações comunitárias envolvidas na cadeia do leite, tais como:

- 1** contribuição para a compra e venda coletiva de insumos, o que facilitou o acesso econômico para todos;
- 2** reforma e modernização de uma fábrica de ração, buscando baratear o alimento para o gado dos cooperados, estimulando assim o aumento da produção de leite e uma conexão maior com a cooperativa. Na reforma, foram feitas estruturas para aeração do milho;

divisão do barracão com locais específicos para estocagem de milho, de quirera de milho fina, quirera de milho grossa e farelo de soja; fabricação de uma caixa de 1 ton para dosagem dos produtos para fabricação de ração; instalação de moinho de cereais, instalação de balança digital na caixa dosadora, com capacidade de 1,5 ton e dois misturadores de ração com capacidade de 1 ton cada; reforma e montagem de elevadores de chapa e cantoneira para cereais, e conserto do telhado do barracão utilizado pela fábrica de ração;

3

capacitação com os técnicos do laticínio sobre as análises feitas no leite logo após sua chegada na plataforma, além de ter consultoria de mestre queijeiro que criou novas receitas;

4

mais de 900 ton de calcário, 16 ton em adubo, 14 sacos de capim para reforma e manutenção de pastagem foram distribuídos para os membros das organizações;

5

ações intensivas para melhoria de gestão;

6

oficina sobre uso do kit mastite na produção leiteira e outra sobre a utilização do quadro de reprodução;

7

diagnóstico da operação do laticínio e readequação com a contratação de especialista para propor alterações no desempenho da produção e qualidade do laticínio;



8

para atender exigências da vigilância sanitária, foram feitas: uma cobertura na plataforma de descarga do laticínio e piso da plataforma de desembarque de leite e a construção de um efeitório para os funcionários do laticínio

9

ampliação de 56m² da câmara fria para armazenagem de queijos e produtos lácteos;

10

foram adquiridos equipamentos como: 3 tachos para salmoura de queijos com capacidade aproximada de 200 litros (aumentou em 50% a capacidade no processo de salga, permitindo um período de salga mais longo e melhor qualidade), 6 mesas para secagem de queijos, dobrando a capacidade , 01 filtro culinário, 01 máquina desnatadeira de leite;

11

apoiou na ampliação da rede elétrica em 56 metros de distribuição trifásica, o que possibilitou a utilização das novas máquinas; l) reposicionamento de marca no mercado, mídia com rádios, placa na cidade e sugestão de reformulação de logo e design das embalagens.



A CASTANHA-DO-BRASIL: UM CAMINHO DE VIDA COM A FLORESTA EM PÉ

A castanha-do-brasil, popularmente conhecida como castanha-do-pará, é uma espécie nativa da Amazônia, podendo ser encontrada no Brasil e nos países que abrigam o bioma amazônico: Bolívia, Colômbia, Equador, Guianas, Peru e Venezuela.

A coleta de castanha-do-brasil é uma atividade tradicional que garante a soberania alimentar dos povos da Amazônia. Os castanhais são compostos por diversas árvores que costumam ficar juntas dentro das florestas. Por mais que a coleta da casta-

nha ocorra uma vez ao ano, o trabalho das coletoras e coletores acontece durante o ano todo. É necessário, principalmente, fazer a manutenção das trilhas que dão acesso aos castanhais e limpar debaixo das castanheiras para facilitar o acesso aos ouriços que caem das árvores com os frutos de castanha.

A principal organização comunitária que trabalha com a castanha na região é a Associação de Coletores e Coletoras de Castanha-do-Brasil do PA Juruena (ACCPAJ), e foi com ela que o Redes apoiou as famílias extrativistas de castanha da região a serem reconhecidas pela organização do trabalho no Brasil todo. Foram muitos esforços conjuntos. Sílvio da Bragança, atual presidente da ACCPAJ, disse que a ajuda do Redes fez diferença para a associação poder dar passos em seu desenvolvimento e que esses passos foram essenciais para dar mais visibilidade ao trabalho, tanto para outros financiadores quanto para o mercado: “O ICV foi como uma

mãe que pega a criança pela mão”. Veridiana Vieira, ex-presidente da ACCPAJ, compartilhou, ainda, que o ICV sempre foi muito aberto, dialogando com eles e dando abertura para serem ouvidos, o que fez toda diferença e foi muito bacana: “pedi ajuda para eles e eles me ajudaram”.

Uma situação desafiadora para as coletoras e coletores é que eles não possuíam transporte nem local de armazenamento das castanhas, o que os deixava ainda mais dependentes de atravessadores e vulneráveis aos roubos. Um extrativista passa longos períodos dentro dos castanhais, se alimentando, dormindo e coletando por lá. Quando sai, está com grandes sacos de castanhas e precisa de um veículo grande para transportá-los. Aí entravam os atravessadores, que se beneficiavam da situação, cobrando o valor que queriam, pois sabiam que os coletores dependiam desse serviço. Ainda, diversas vezes os atravessadores buscavam os sacos apenas no dia seguinte devido às chuvas. E

ao chegar no local da estrada combinado para recolher o carregamento de castanha, não encontravam nada, porque já haviam sido roubados. Sabendo disso, uma contribuição importante do Redes foi a aquisição de uma F4000 para realizar esse serviço de transporte e de cinco motos para facilitar a retirada dos sacos cheios de castanha mais próximos das áreas de coleta.

Um barracão com mais de 800m² foi construído visando fazer a armazenagem e o beneficiamento das castanhas. Com esse espaço foi possível melhorar a qualidade da castanha. Quando os frutos são armazenados logo após a colheita, eles ficam protegidos das intempéries, principalmente da chuva, assim, as amêndoas ficam mais secas, não mofam, e alcançam maior valor comercial. Além disso, com as castanhas bem guardadas, diminui a pressão para vendê-las com urgência, o que dá mais margem de negociação de preços com os compradores.

Pelo fato da coleta acontecer em fazendas privadas, são feitos acordos ganha-ganha entre proprietários e extrativistas. As coletoras e coletores se comprometem em zelar por aquelas terras, e ainda pagar uma porcentagem do valor da castanha coletada no local ao dono da terra, estimulando o fazendeiro a olhar para a floresta como um benefício econômico. Dessa forma, além de contribuir para o desenvolvimento socioeconômico da região, a castanha-do-brasil incentiva a manutenção da floresta em pé, beneficiando a todos e todas: famílias extrativistas, fazendeiros, consumidores, a própria floresta e os seres que nela habitam. A cada safra, a ACCPAJ coleta cerca de 150 toneladas de castanha nessas áreas.

Como integrante da Repoama, a meta da ACCPAJ é conseguir o certificado orgânico das castanhas beneficiadas na agroindústria e assim aumentar o valor do produto final.

Outros benefícios do projeto para a cadeia da castanha foram:

- 1 mapeamento dos castanhais e material de identificação das matrizes;
- 2 assessoria técnica;
- 3 diversas capacitações, sendo algumas delas com foco em viabilidade econômica e gestão democrática de empreendimentos associativos
- 4 assessoria jurídica, tributária, contábil e administrativa;
- 5 intercâmbios;
- 6 foram doados EPIs para uma coleta mais protegida;
- 7 foram articulados novos clientes e arranjos comerciais para apoiar na comercialização da associação;
- 8 realizados estudos de viabilidade econômica da castanha in natura e beneficiada.

Outro feito do Redes e ACCPAJ, em parceria com a ONF Brasil foi o lançamento com protocolo na SEMA do primeiro Plano de Manejo Florestal Sustentável Não Madeireiro da Castanha do Brasil do estado de Mato Grosso. Entre seus objetivos, o plano busca a melhoria na identificação das áreas de coleta, o reconhecimento de padrões de produção da espécie, a melhoria no acesso às áreas e a estimativa da produtividade dos castanhais. Segundo a equipe do projeto, esse plano será essencial para a consolidação do extrativismo da castanha, dando visibilidade e servindo de referência para extração e manejo de outras iniciativas.



BABAÇU, SE AS PESSOAS SOUBESSEM A DÁDIVA NATURAL QUE ELE É, TODOS GANHARIAM MAIS

Da palmeira do babaçu tudo se pode aproveitar para gerar renda e saúde de pessoas e animais. Cada parte da planta – as folhas, a casca, o caule, as amêndoas e o mesocarpo –, pode ser aproveitada para se fazer utensílios, artesanatos, cosméticos, casas, alimentos nutritivos e o que mais a imaginação, a tecnologia e os esforços coletivos permitirem.

Uma conquista do Redes para essa cadeia foi tornar mais visível localmente o trabalho extrativista feito por mulheres com o babaçu, trazendo reconhecimento e valorização para essas pessoas que eram, muitas vezes, esquecidas. Maria Margarida, das associações Mulheres Paz e Santa Clara, de Cotriguaçu, relembra que quando o projeto chegou, a associação estava parada. Então as mulheres se reuniram e decidiram resgatar o trabalho com o babaçu. Ela considera que o trabalho é pesado, mas pondera que “o bom é que não precisa plantar, já tá plantado”.

O babaçu é nativo na região. Angelita Patrícia, tesoureira da associação AMURLIBERDADE, de Colniza, aprecia que o Redes levou alento e motivação para as mulheres. Ela se emociona ao lembrar que antes do projeto havia sensação de desamparo. O fato de a equipe do ICV saber antecipadamen-

te do trabalho delas com Babaçu, animou o grupo a se reerguer: “A gente sentiu essa alegria porque eles estavam longe e já estavam sabendo do nosso trabalho. Eles quiseram ajudar a gente a gerar essa renda. Eles podiam ajudar a gente crescer enquanto mulheres, a gente se unir e produzir alimento, que é o nosso objetivo”. Nesse mesmo espírito, ocorreu o fortalecimento das organizações comunitárias que essas mulheres participam, novas pessoas têm querido participar.

Para desgosto das mulheres, o babaçu tem sido considerado como praga na região. O que acontece é que tanto a pecuária quanto a soja e o milho convencionais causam desmatamento. E com isso, lá se vai o babaçu com a floresta para o chão. Desse modo, o Redes atuou para tentar mudar essa visão, demonstrando o potencial econômico do babaçu para gerar alterna-

tivas nutritivas na fabricação de ração (feita com a farinha do mesocarpo do fruto da palmeira) para o gado leiteiro, criando oportunidades de fomentar uma pecuária mais sustentável na região. Inovando e conectando atividades que parecem incompatíveis: a cadeia do leite e a cadeia do babaçu.

Como em todo o Redes, as pessoas envolvidas com essa cadeia de valor, lamentam certa desmobilização das ações sonhadas inicialmente por conta da pandemia da COVID-19.

Com a retomada das atividades, a grande festa e um marco do Redes será quando a regularização das cozinhas planejadas inicialmente estiver feita. E, com isso, as mulheres poderão utilizar esses espaços para transformar o babaçu em diversas delícias, gerando renda, e para continuar resgatando a autoestima e motivação.

As principais atividades realizadas para desenvolver essa cadeia ao longo do projeto foram:

1

viagem para intercâmbio de experiências com visitas em associações e cooperativas que possuem fábrica de babaçu e pontos de comercialização de produtos derivados do babaçu;

2

apoio com materiais para construção de estufas para secagem dos cocos do babaçu e realização de oficinas de procedimentos pós-colheita;

3

realização de análise química do óleo de Babaçu e investimentos em pesquisa de campo e análises de laboratório do farelo de babaçu como potencial ingrediente de suplementação da dieta animal, buscando um produto de qualidade que pudesse substituir alguns ingredientes das rações convencionais, gerando novos mercados. A pesquisa foi realizada em parceria com a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) que atestou a qualidade e produtividade do leite em vacas alimentadas com o composto da palmeira;

4

reuniões comunitárias para a elaboração de projetos para a implantação das cozinhas comunitárias e assessoria para elaboração de planta baixa e licenciamento;

5

capacitações técnicas: em elaboração de novas receitas aos produtos, em padronização de receitas, ferramentas de registro, procedimentos operacionais padrão (POP), embalagens; para manuseio dos novos equipamentos e máquinas, tais como, cortadores de doces em aço inox e prensa extratora de óleo; para elaboração de normas e acordos sobre a utilização de espaços coletivos, ferramentas de registro, construção de procedimentos operacionais e planejamento e adequação às normas de vigilância sanitária;

6

busca de novos mercados regionais para os produtos derivados do babaçu.



O CACAU: UMA SEMENTE PARA O FUTURO

Inicialmente, o Redes teve intensa dedicação às famílias agricultoras que, além de trabalharem com outras lavouras como a de café, tinham interesse em produzir cacau com alto valor de mercado, buscando criar uma produção agroecológica e orgânica.

Com o objetivo de ajudar essas famílias a trilhar esse caminho, foram realizadas, principalmente, as seguintes atividades:

1

intercâmbios entre produtores;

2

a construção de viveiros de mudas;

3

a facilitação da comercialização de derivados do cacau com o Grupo de Mulheres Esperança;

4

a articulação junto a Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), arrecadando 400 frutos (cerca de 12.000 sementes) de cacau para a produção de mudas; bem como a realização de curso em parceria com a mesma instituição, em Alta Floresta, sobre manejo e tratamentos fitossanitários em plantios de cacau;

5

o incentivo e o fomento da produção agroecológica e orgânica, com assessoria técnica via oficinas e o custeio de insumos, tais como, de pó de rocha e calcário para os plantios de cacau agroflorestal e orgânicos;

6

análise de solos de áreas de implantação de novos plantios de cacau;

- 7 o apoio para construção de unidades de fermentação e secagem de amêndoas de cacau;
- 8 estudo de viabilidade econômica da amêndoa de cacau;
- 9 melhorias nas embalagens e receitas, com novos acordos de mercado;
- 10 oficina para capacitação em ferramenta de registro para controle das entradas e saídas dos produtos beneficiados do cacau com os grupos Mulheres Unidas, Mulheres da Paz e Mulheres Esperança).

Principalmente em decorrência das limitações impostas ao Redes pela pandemia da COVID-19, e com as mudanças de pessoal na equipe do ICV ao longo do projeto, ocorreu certa desmobilização das famílias que estavam mais envolvidas com a cadeia do cacau.

A boa notícia é que todo o incentivo à restauração de APPs e o cultivo de modo agroecológico e orgânico do cacau, tem garantido alimentação para muitos animais da região. O senhor Ezequias De Souza Barros, da associação Esperança, de Co-triguaçu, relata que produz cacau orgânico, mas que não dá tempo de colher porque os macacos chegam antes. A esperança é que no futuro tanto produtores quanto animais possam se beneficiar do cacau.



**O pulo do gato:
a facilitação
do acesso ao
crédito para
as famílias
produtoras,
acreditando
no poder da
agricultura
familiar**

As famílias produtoras têm muita dificuldade de acesso a crédito por, geralmente, não terem comprovante de bens móveis e imóveis, ou por não possuírem, em muitos casos, a comprovação da renda existente na propriedade. As instituições financeiras, por sua vez, têm dados apenas da rentabilidade das principais grandes monoculturas, como a soja, o milho, o algodão e o arroz, mas não de hortaliças e frutíferas produzidas pela agricultura familiar. Com isso, não sabem como estimar a receita e a capacidade de pagamento do produtor, e não conseguem ter parâmetros de quanto crédito poderiam conceder.

Diante dessa situação o ICV buscou gerar e qualificar dados de produção da agricultura familiar e os forneceu ao banco. Assim, a instituição financeira, neste caso o Sicredi, pôde ter ciência das receitas envolvidas nas produções e oferecer o crédito para as pequenas e pequenos pro-

dutores rurais. Para a equipe do Sicredi conhecer mais a realidade da agricultura familiar na região, foram realizadas visitas de campo às terras das famílias. Reuniões também foram realizadas no intuito de iniciar os projetos de crédito. Como fruto dessa relação, num primeiro ciclo já houve oito projetos que envolveram oito famílias e um montante de R\$412 mil reais de crédito. Essas informações também foram disponibilizadas para agências do Sicredi de outras cidades.

Além de ser uma estratégia de acesso a recursos financeiros, o crédito surgiu como uma ação de fôlego emergencial no contexto da pandemia do COVID-19, uma vez que muitos tiveram queda nas vendas. Com essa intenção, uma das primeiras conquistas foi a aprovação da linha de crédito rural via Pronaf Agroecologia pelo Banco Sicredi. O Pronaf permite financiamento de até R\$45.000,00 de acordo com o limite de cada cooperado.

Também foi necessário prestar assessorias técnicas em propriedades que demandaram o crédito para ajudar a organizar os documentos solicitados no cadastro da plataforma do Sicredi e na elaboração de projetos. Uma capacitação com a equipe do Sicredi de Alta Floresta no tema de elaboração de projetos de financiamento rural foi feita visando realizar o cadastro de técnicos para atuarem como agentes de crédito sem custo ao agricultor.

Outro feliz exemplo de facilitação de crédito é o próprio Fundo Rotativo Solidário (FRS) da Repoama, que nasceu no Redes, como já relatado por aqui. Esse Fundo Solidário garante que as famílias tenham recursos para implementar as tecnologias e mudanças necessárias no processo de transição para a produção orgânica, o que pode simbolizar a valorização do produto e aumento da qualidade de vida na área rural. Se a Repoama é filha do Redes, o Fundo Rotativo Solidário já é um neto! Que a família não pare de crescer.



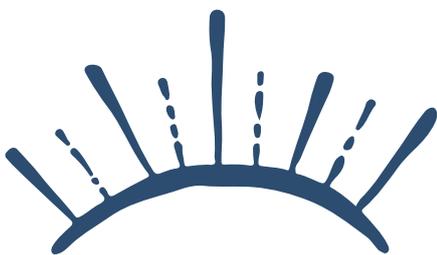
Esse trabalho para viabilizar o acesso ao crédito é um exercício de confiança e compromisso com a agricultura familiar. Dar crédito é acreditar que é uma relação segura para quem empresta e quem recebe o recurso. Parte do motivo que leva o ICV a fazer todos os esforços elencados nesse projeto é porque ele acredita e confia na solução que é a produção sustentável pelo agricultor familiar.





Sempre falam que tem que fazer tal coisa com a agricultura familiar e que tem que gerar renda, como se isso fosse algo secundário, que se trabalhasse dentro da porteira já geraria renda automaticamente. Nós começamos a olhar mais para o negócio, ajudando a entender em como isso seria viável economicamente: como vai comercializar, para quem, como, etc. Começamos a olhar para isso de forma mais interligada com todos os elos do negócio comunitário com a mesma importância.”

Eduardo Darwin, equipe do ICV.



Metamorfoses

O nascer de uma metodologia com a prática do Projeto Redes Socioprodutivas que pode servir como referência para outros atores socioambientais.

A escolha de abraçar a oportunidade de realizar o Redes pela equipe do ICV, mesmo com todos os percalços que tiveram que atravessar durante esse processo, desvendou um modo de fazer as coisas. Uma prática social que pode servir como guia ou como uma estrutura inicial a ser adaptada de acordo com distintos contextos para outras organizações que, assim como o ICV, se propõem a intervir de modo consciente para transformar positivamente realidades socioambientais amazônicas.



A prática social do Redes brotou da experiência vivida em terreno amazônico pisado e florestado. Ela nasceu das muitas escutas, das trocas, das prosas noturnas, dos absurdos, das discorências, das observações minuciosas, dos medos, dos erros, do desejo de mudança, do vai que vai dar certo, de olhares esperançosos, do acolhimento, do suor no corpo, do calo na mão, da chuva, da seca, das telas de computador, do tutorial de whatsapp, das travessias do Juruena, das trilhas de castanha, do babaçu, do cheiro de café fresquinho, do leite, dos banhos de cachoeira, dos quilômetros rodados em

chão batido, da perseverança, da transparência, do frio na barriga, do cansaço, das piadas, da leveza, do refazer, do escrever, do refletir junto, do mobilizar, do engajar, do mostrar que dá certo plantar sem veneno, da abobrinha nascendo sozinha no meio do mato, da convicção de que os recursos tinham que chegar diretamente para as famílias, das estufas, da sensação do tempo largo e da fartura de recursos, de provocações internas e externas, da paciência, do fazer junto, da liberdade, da autonomia, da responsabilidade, da inteligência, da ousadia, do zelo, do que vale a pena sustentar em comunidade.





Essa prática do Redes revela uma abordagem singular de se intervir na agricultura familiar inter-relacionada com cadeias de valor em contexto amazônico. Tal metodologia, pode-se dizer assim, carrega características basais e estruturantes para os processos que conduz.

Essas características que servem para ancorar, amparar, guiar e dar suporte intangível para essa prática, carregam as qualidades de ser:

-  **aberta, adaptativa e flexível** em relação às necessidades do campo, das famílias, das organizações comunitárias, dos parceiros, dos financiadores, da equipe de implementação, da realidade que vai se tornando mais visível conforme o projeto se desenrola;
-  **inclusiva sem ser permissiva**, especialmente quando se trata de buscar a participação qualificada de todas as pessoas;
-  **humilde, adaptando-se e adequando-se** ao máximo para oferecer uma linguagem que seja bem compreendida por todas as pessoas participantes dos processos, independente dos repertórios de cada uma delas;
-  **capacidade de adaptar linguagem** para falar com os agricultores; a pessoa se sente confortável em trocar experiência e trabalhar junto;
-  **experiential**, onde a aprendizagem, a compreensão dos fatos é promovida desde as vivências e trocas entre grupos semelhantes - "vamos deixar a próprias pessoas se convencerem";
-  **alargadora de horizontes**, educadora no sentido de mostrar novas possibilidades de se fazer o que se faz na terra, influenciando a transformação de modelos de produção local;

-  **resiliente**, por ser guiada por um propósito maior de se trabalhar por valores socioambientais e numa ONG, o que fortalece a prática mesmo diante das dificuldades;
-  **dialógica**, no sentido de escutar as necessidades do campo, refletir sobre o que faz sentido de acordo com o propósito maior do trabalho, e trazer um novo pensamento sobre a ideia inicial, ajudando a elevar a qualidade do que é construído junto;
-  **mediadora de conflitos** entre todas as pessoas envolvidas, incluindo famílias agricultoras, parceiros e equipe de projeto;
-  **facilitadora de processos**, sem modelos prontos a serem seguidos;
-  **confiante** de que as pessoas da equipe são as melhores que poderiam ter sido escolhidas para desempenhar suas funções e papéis de modo responsável, comprometido, assertivo, com alta qualidade técnica, sempre buscando inovações, com respeito às pessoas e atenção a todos os conhecimentos e saberes disponíveis ao redor;
-  **livre e autônoma**, criando uma atmosfera de trabalho que permite com que cada pessoa atue de acordo com seu ritmo e sensibilidade, ainda que estejam conscientes e atentas à boa execução das tarefas que precisam ser feitas;
-  **horizontal, com respeito mútuo**, admiração recíproca, fatores que possibilitam se ter tranquilidade, disposição e bem estar emocional para desempenhar da melhor forma possível o papel de cada um(a);

- **colaborativa**, isto é, com o poder contar com o outro, com as ajudas mútuas em distintos momentos, seja em eventos grandes ou corriqueiros de acordo com o desenrolar do projeto;
- **produtiva e executiva** ao mesmo tempo que é leve, descontraída, alegre, informal, de modo que o trabalho flui com certa harmonia e prazer;
- **transparente** sobre seus limites e possibilidades de atuação e realização, sempre estando com os pés no chão;
- **sagaz e propositiva** de soluções diante dos desafios encontrados ao longo do caminho, sem mergulhar no problema;
- **cuidadora, zeladora** de equilíbrios emocionais, físicos e mentais de todas as pessoas envolvidas, especialmente da equipe que está à frente dos processos.



As características que dão forma e estrutura para essa prática do Redes, trazendo elementos mais tangíveis e perceptíveis aos olhos, são ancoradas:

-  **em demandas reais, sem assistencialismo**, construindo juntos a partir dessas necessidades de modo participativo e executando o trabalho de forma compartilhada, somando visão técnica, estratégica e científica;
-  **no trabalho uníssono** com as organizações comunitárias, onde as decisões e planejamentos são sempre realizados juntamente com elas;
-  **na descentralização de espaços** de tomadas de decisão, isto é, o projeto criou as suas próprias instâncias de decisão com grupos auto-organizados, dando mais capilaridade para as escolhas coletivas;
-  **em ter as pessoas na centralidade** dos processos com a abordagem de cadeias de valores, incluindo a equipe é formada por matogrossenses e/ou por pessoas que conhecem bem a região do projeto e se identificam com a Amazônia;
-  **no trabalho em rede** que permite mais trocas de conhecimento, aprendizagens e fortalecimento de saberes que se tornam coletivos na medida em que são compartilhados, e possibilitando a otimização de recursos materiais, e a busca de soluções compartilhadas para os desafios comuns, mesmo respeitando as necessidades individuais de núcleos familiares;



na intersetorialidade e entre escalas;



no investimento em relacionamento com distintos setores, como poderes públicos municipais, estadual e federal, o mercado, instituições públicas e privadas, trazendo esse atores para o diálogo e construções significativas voltadas para o propósito do projeto;



na aprendizagem contínua e complementar da equipe que realiza o projeto;



no olhar detalhado, abrangente e integral para as cadeias como um todo, identificando necessidades de aprimoramentos e proporcionando formações técnicas, de gestão, de produção, de informática para todos os elos desse ecossistema;



na contínua busca de evoluções e bons resultados, gerando novas possibilidades de projetos (como a Rota Local, facilitar a criação da Repoama e dar suporte ao grupo de mulheres);



no conhecimento técnico e científico do tema específico do projeto, neste caso, da agricultura familiar, o que gera mais confiança e segurança na experiência de quem conduz as atividades do projeto;



na visão de que o projeto Redes é um meio e não um fim em si mesmo, o que trouxe um olhar de longo prazo e proatividade na captação de novos projetos, independentemente da duração final desse projeto e das suas metas específicas que se devem alcançar;

- **na somatória da abundância de recursos** disponíveis com o prazo de realização do projeto que proporciona conforto material e a possibilidade de experimentações, reflexões, monitoramento, avaliação e aperfeiçoamento da sua execução;
- **na visão técnica e estratégica** de longo prazo, mas com planejamento sendo detalhado anualmente;
- **no compartilhar de informações**, tomando decisões baseadas em dados da realidade, gerando menos impressões e mais conexões verdadeiras;



“

**A gente cresceu
junto com o projeto.”**

Camila Horiye, equipe do ICV

APRENDIZAGENS

A experiência de empreender o Redes gerou aprendizados significativos e transformadores para muita gente em diversos aspectos da vida pessoal, comunitária e organizacional. Esses aprendizados ocorreram de dentro para fora e de fora para dentro. Mirando e ouvindo as pessoas envolvidas com o Redes é possível perceber aspectos individuais que, por mais que já possam ser características próprias dessas pessoas, foram declarados como despertados com a participação delas no Redes. Um movimento que certamente influenciou a vida coletiva ao redor.

Um despertar de líderes

Em algumas conversas com lideranças comunitárias que ocupam papel de representatividade em suas associações e cooperativas, ouve-se que a participação no Redes trouxe engrandecimento pessoal e que influenciou no modo de conduzir ações nas comunidades e organizações.

Inicialmente, **Elaine Cristina Guilherme** considerava que seu esposo perdia tempo em reuniões da associação São Brás. Porém, num encontro do Redes em 2019, seu marido, assim como outros participantes da associação, foi desafiado pela equipe do ICV a levar uma pessoa que nunca tivesse participado de reuniões anteriormente. Mesmo contrariada, ela foi participar. Sentiu-se muito acolhida e valorizada desde o início, com o passar do tempo, tornou-se a presidente da associação. Quem sente falta dela em casa agora é o marido. Nesse movimento de ser provocada a participar e se abrir a isso, ela pôde ver os benefícios materiais e imateriais que as famílias agricultoras estavam alcançando com o Redes, e se animou para ajudar e a escrever novos projetos coletivos para a associação. A presidente relata que a associação tem uma história sofrida: tiveram más experiências, foram enganados e roubados em contextos de outros projetos.

Com o Redes e a equipe que o conduz a história é diferente. Ela recorda que se emocionou ao ler o edital de um projeto que escreveriam para a associação com a ajuda do ICV em decorrência do Redes de tão importante e bonito que era o projeto. Ainda, por "ver tanta pessoa boa fazendo coisas boas uns pelos outros" a tocou muito.

O impulso individual e comunitário de cooperação entre si foi fortalecido pelo envolvimento nas atividades que o Redes proporcionava ao grupo da associação. Mesmo morando na região há cerca de trinta anos, a agricultora conta que vivia mais isolada, dedicando-se aos filhos e às atividades produtivas da família. O envolvimento com a associação estimulado pelo projeto permitiu que ela passasse a conhecer mais a vizinhança e a interagir de modo mais solidário e fraterno. Declara que via que o projeto transformava a vida das pessoas.



Ele colocou um sopro de esperança no coração das pessoas. Têm pessoas depressivas, e o projeto transformava a vida dessas pessoas, trazia um algo a mais. Tem uma coisa de diferente nele que não deixava as pessoas desanimar. Quando eu entrei na associação também estava doente, estava depressiva, e transformou a minha vida. E igual a mim, vi que tinha outras pessoas assim também. Assim como transformou a minha vida, transformou a de outros também. A gente marca reunião e todo mundo vai com aquela disposição, aquela alegria. Esse é um trabalho muito bom que a gente faz, é um trabalho espiritual, posso dizer, dá sentido pra gente, na vida."

Outro aspecto a se destacar é a mudança de paradigma na gestão da associação, que aceita e valoriza ter uma mulher como presidente. Felizmente, esse não é um caso isolado, mas certamente é fato recente para a região e algo a ser celebrado. Elaine relata que se emocionou com um associado que observou o aumento do número de mulheres na associação e que "todo dia ele ajoelhava no final do dia e rezava para ter mais mulheres na associação".

Para **Rodrigo Silva**, coordenador-geral da Repoama, "a vida sempre é uma mudança, mas o projeto abriu horizontes, até mesmo na economia". Ele conta que sua família conse-

guiu uma estufa para a produção e o sustento da casa, e o kit de irrigação para o café que não é barato para sua realidade. Reflete que percebeu uma mudança de visão, viu a conscientização da produção orgânica crescendo e sonha:



Dá vontade de mais pessoas produzirem orgânico. A vontade de lutar por um mundo melhor aumenta na gente. A gente já tinha uma luta de produção contra esse sistema de produção que é suicida, e quando vemos outras pessoas na mesma luta, dá uma ânimo e ajuda a perseverar, a continuar e tentar fazer com que mais gente passe a produzir orgânico".

Angelita Patricia, tesoureira da AMURLIBERDADE, de Colniza, afirma que teve muitas graças com o Redes.

“ Melhorou bastante através do conhecimento conseguimos produzir mais, viver na terra e da terra. Ajuda bastante a gente permanecer no campo a ter mais força de vontade de permanecer no campo. Daí a gente vê a importância do nosso trabalho aqui no campo”.



A formação de uma equipe para dar conta do recado

A equipe do ICV que ancorou a implementação do projeto Redes, viveu uma metamorfose. Por conta de eventos e situações contextuais internas e externas ao projeto, a equipe se viu, em muitos momentos, tendo que se adaptar à realidade

que se mostrava à sua frente de modo rápido, adaptativo, assertivo, estratégico, mobilizador e acolhedor consigo e com os demais participantes ao mesmo tempo, transformando seu modo de viver o projeto. Com isso, durante es-

ses cinco anos, foi necessário agregar novas pessoas à equipe, despedir-se de cinco outras e mudar papéis de algumas delas. Certas ações que tinham sido previstas na primeira versão do Redes tiveram que ser adaptadas, recalculadas, remanejadas. O próprio corpo do projeto teve que ser reescrito para contemplar o que estava ocorrendo no território em colaboração com as organizações comunitárias. Todo esse processo gerou transformações individuais e coletivas no ICV, e tudo isso é aprendido.



Encarando uma auto-reflexão sobre a experiência de anfitriar o Redes, a equipe destaca alguns aprendizados que foram marcantes de modo individual e se tornaram institucionais. De modo geral, percebem que os aprendizados individuais são colheitas do coletivo que retornam para esse mesmo coletivo por meio do indivíduo.

Aspectos de estratégia e gestão



ampliar o olhar para uma forma mais sistêmica e ecossistêmica de ver se trabalhar com a agricultura familiar, incluindo ajudar as próprias famílias a compreenderem o conceito de visão e trabalho sistêmico;



ter uma estratégia territorial que dê conta de realizar o trabalho;



a regionalização da escala, com estratégias bem definidas, incluindo aspectos de mercado e finanças; pensar em longo prazo, percebendo o tempo do projeto, buscando mais escala e visibilidade (cinco anos parece muito, mas não é);

 **ter fluxo de projetos** e diversidade de financiadores para dar mais sustentabilidade para a instituição realizar sua visão;

 **por diversos motivos** as organizações comunitárias podem fechar as suas portas e ter que começar todo o trabalho novamente, torna-se importante identificar essas dinâmicas de risco e inseri-las nos indicadores;

 **sensibilizar parceiros** e financiadores para a realidade da região;

 **avançar na compreensão** de que a atuação do ICV deve estar além da produção, da ação direta nas propriedades e com as famílias, mas que ela deve estar também junto ao banco, ao mercado, aceitando e encarando esses atores também como parceiros;

 **reconhecer e entender** a importância de se atuar na gestão das organizações comunitárias como sendo fundamental para que a estratégia de atuação do ICV junto aos grupos tenha efetividade;

 **fortalecer a atuação política** das próprias organizações comunitárias no território de modo que façam valer seus direitos, do mesmo modo que fortalecer e demonstrar melhor atuação política do ICV na região;

 **aprender a administrar** bem o orçamento e reconhecer a essencialidade de ter o suporte administrativo da instituição como importante apoio em função da complexidade do projeto;



mesmo pensando em longo prazo, aplicar planejamento em curto prazo para chegar em objetivos, esmiuçando as grandes atividades dentro do projeto, pois são as mínimas ações que vão trazer os resultados;



ter capacitação e alinhamento para coleta de dados e indicadores, monitorando os indicadores e fazendo a gestão desse conhecimento;



gestão de pessoas: o projeto possibilitou a compreensão do potencial de cada um, gerando a possibilidade de se especializar, de executar de modo autônomo, com a confiança de que a pessoa tem a expertise para realizar bem a sua função;



importância de se trabalhar em equipe para lidar com temas complexos e ter essa equipe para dar o suporte necessário;



ter as pessoas certas desempenhando o papel certo, principalmente nesses projetos mais complexos;



construir equipe comprometida e com capacidade de boa execução do projeto;



o respeito ao ritmo e a forma de trabalho de cada pessoa da equipe para ir mais longe;



protocolo de segurança por conta do contexto pandêmico e político;



adequação e adaptação ao trabalho remoto.



ESFOR
MT



Princípios de atuação, atitudes e capacidades desenvolvidas



confiança e transparência em todos e em tudo;



a boa comunicação com todas as pessoas, instituições, beneficiários e parceiros traz bons resultados tanto para a instituição quanto para os participantes do projeto;



a busca do propósito no trabalho e acreditar no processo facilita as adaptações no caminho;



diálogo e abertura com lideranças e coletivos, criando uma rede de relação de confiança institucional com a base;



a **habilidade para mediação** de conflitos, principalmente pela complexidade do projeto;



sinceridade e confiança entre a equipe técnica e a coordenação do projeto, e entre todos os elos foi essencial;



o reconhecimento de que as pessoas da equipe são inteligentes e capazes;



o compartilhamento de aprendizagem é muito importante dentro da própria equipe;



desenvolver a capacidade de lidar e liderar em momentos de crise, especialmente diante de algumas organizações comunitárias que foram apoiadas pelo projeto e recuaram de modo direto;

- **respeito à diversidade** de gênero e raça mesmo quando culturalmente as famílias não tinham essa abordagem;
- **o respeito ao tempo de cada pessoa** e família, de cada organização comunitária em seu próprio processo de evolução, percebendo e cuidando das vulnerabilidades reveladas, aguardando o momento oportuno para atuar junto;
- **despertou um olhar mais humano** para a vida, é uma mudança espiritual enquanto pessoa;
- **despertou a necessidade de auto-cuidado** da equipe, de se reservar tempo de descanso, e a busca de equilíbrio emocional para se lidar com conflitos naturais que existem em projetos de natureza complexa;

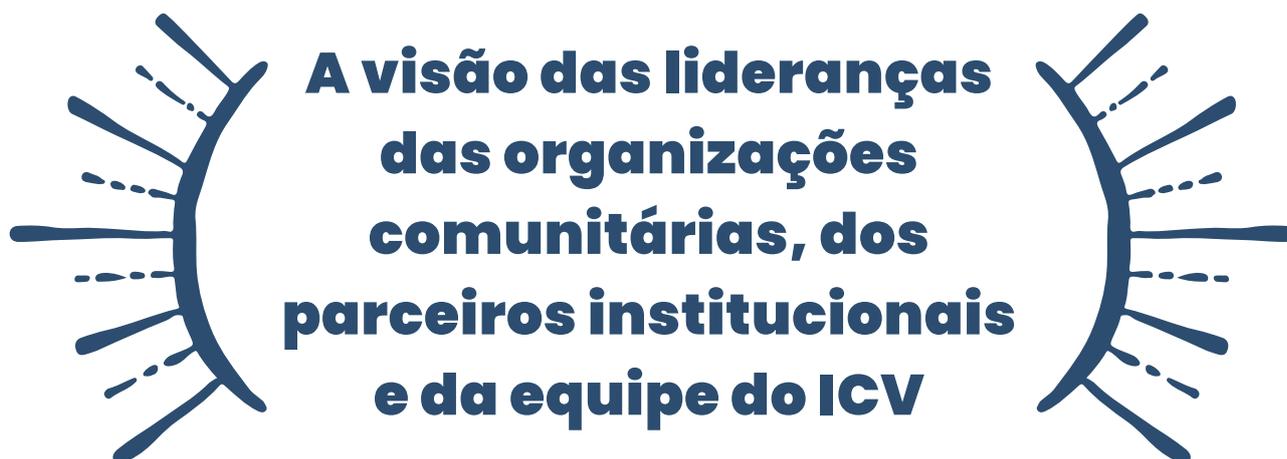


Lições do projeto com a agricultura familiar

-  as famílias que trabalham em coletivo guiadas por um propósito, conseguem aproveitar melhor o projeto; o compromisso das famílias com o projeto interfere no resultado, isso fortalece a importância de se olhar para cada um deles;
-  mostrar ações na prática, como os Dias de Campo, as oficinas e os intercâmbios aceleram os processos de aprendizagem e o alcance dos objetivos do projeto;
-  ter boa comunicação entre todos, parceiros e famílias agricultoras;
-  as organizações comunitárias são mais vulneráveis às mudanças nas relações familiares e comunitárias, e seu desenvolvimento não é linear, é mais cíclico do que em espiral, correndo o risco de colapsar e ter que ser iniciado desde o zero novamente;
-  o território em que o Redes atua é de ocupação imigrante recente, há famílias vindo de diferentes regiões do Brasil. Por elas estarem criando a sua identidade com o local, é preciso incentivos em todos os elos da cadeia;
-  estratégias como capacitações e intercâmbios, além de aporte de insumos e equipamentos, são importantes para que as famílias agricultoras se mantenham no processo e o projeto alcance bons resultados na ponta. Contudo, o mais importante é ajudar as famílias a gerarem suas próprias condições de auto-suficiência e sustentabilidade.



4 O que a gente avalia
que poderia aprimorar
nesse trabalho em prol
da agricultura familiar?



A visão das lideranças das organizações comunitárias, dos parceiros institucionais e da equipe do ICV

A partir de escutas com diferentes pessoas que se relacionaram com o Redes, algumas sugestões surgiram para aprimoramentos futuros.

VISÃO DAS LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS

Conversando com algumas lideranças comunitárias e representantes das organizações que participaram do Redes, é possível sentir o reconhecimento de quão valioso foi o projeto para elas, mesmo que existam pontos a se melhorar e pedidos que ficam como sugestão de mudanças e aprimoramento para o futuro. De fato, os relatos destacam que os aspectos positivos são muito maiores. Inclusive, muito do que poderia ser aprimorado é dito como de responsabilidade das próprias famílias e organizações comunitárias.

- 1** Poderia ter mais intercâmbios para trocas de experiências;
- 2** Poderia ter mais cursos para que as pessoas ganhassem mais experiências;

- 3 Os investimentos teriam que ter sido feitos mais rápido, as transferências para os produtores, por causa do aumento dos preços dos equipamentos;
- 4 Poderia ter uma prestação de contas regular, mais transparência financeira de qual valor foi direcionado para cada organização comunitária e onde foram usados esses recursos;
- 5 Quando aconteciam formações do Redes, por vezes as pessoas que participavam não sabiam passar adiante esses aprendizados para as outras pessoas do grupo, o que dificultava o desenvolvimento da organização comunitária. Por haver certos conhecimentos que as pessoas têm mais dificuldade de aprender de um dia para o outro, pode ser um ponto de trabalho futuro pensar como aperfeiçoar as formações de forma a contribuir para essa maior assimilação dentro das organizações.

VISÕES DE PARCEIROS INSTITUCIONAIS

O Redes, de modo geral, é reconhecido e apreciado como um projeto que ampliou o modo como a agricultura familiar é vista e trabalhada em Mato Grosso, gerando inovações que servem como exemplo, inclusive para políticas públicas. De todo modo, algumas observações foram feitas por alguns parceiros institucionais com a intenção de contribuir com a melhoria do processo.

- 1** Manter uma uma frequência maior de visitas técnicas para as famílias agricultoras que participam do projeto, estando mais presente no território;
- 2** Por haver uma sobreposição de área de atuação entre o projeto e o setor público, se torna importante criar um bom diálogo, compactuando e fazendo uma construção conjunta, evitando possíveis ciúmes e rivalidade com os municípios;
- 3** As pessoas, geralmente, não são remuneradas para atuarem nas associações e, por vezes, projetos como esse exigem muito das lideranças ao convidar para reuniões, oficinas e formações. Isso pode causar um fortalecimento externo da organização e um enfraquecimento interno. Sendo assim, é importante cuidar dessa dinâmica, cuidar dessas pessoas;
- 4** Para as entregas dos produtos pela Rota Local, há demanda por uma maior diversidade de produtos oferecidos;
- 5** Na escolha dos produtores que receberão investimentos do projeto, como estufas e irrigação, deveria ter um rigor maior, para que chegue em pessoas que de fato deem utilidade para esses materiais – tem pessoas que receberam e não utilizaram até hoje. Doar para a organização comunitária poderia ser um caminho, assim, se não fizerem uso, passa para outro membro;
- 6** Gerar dados do projeto de uma forma que se consiga medir não apenas quantos agricultores familiares e organizações foram atendidos, mas também qual foi o incremento de renda daqueles que foram apoiados, gerando um dado coeso para apresentar nas diversas instâncias, inclusive governamentais. Isso pode influenciar políticas públicas;

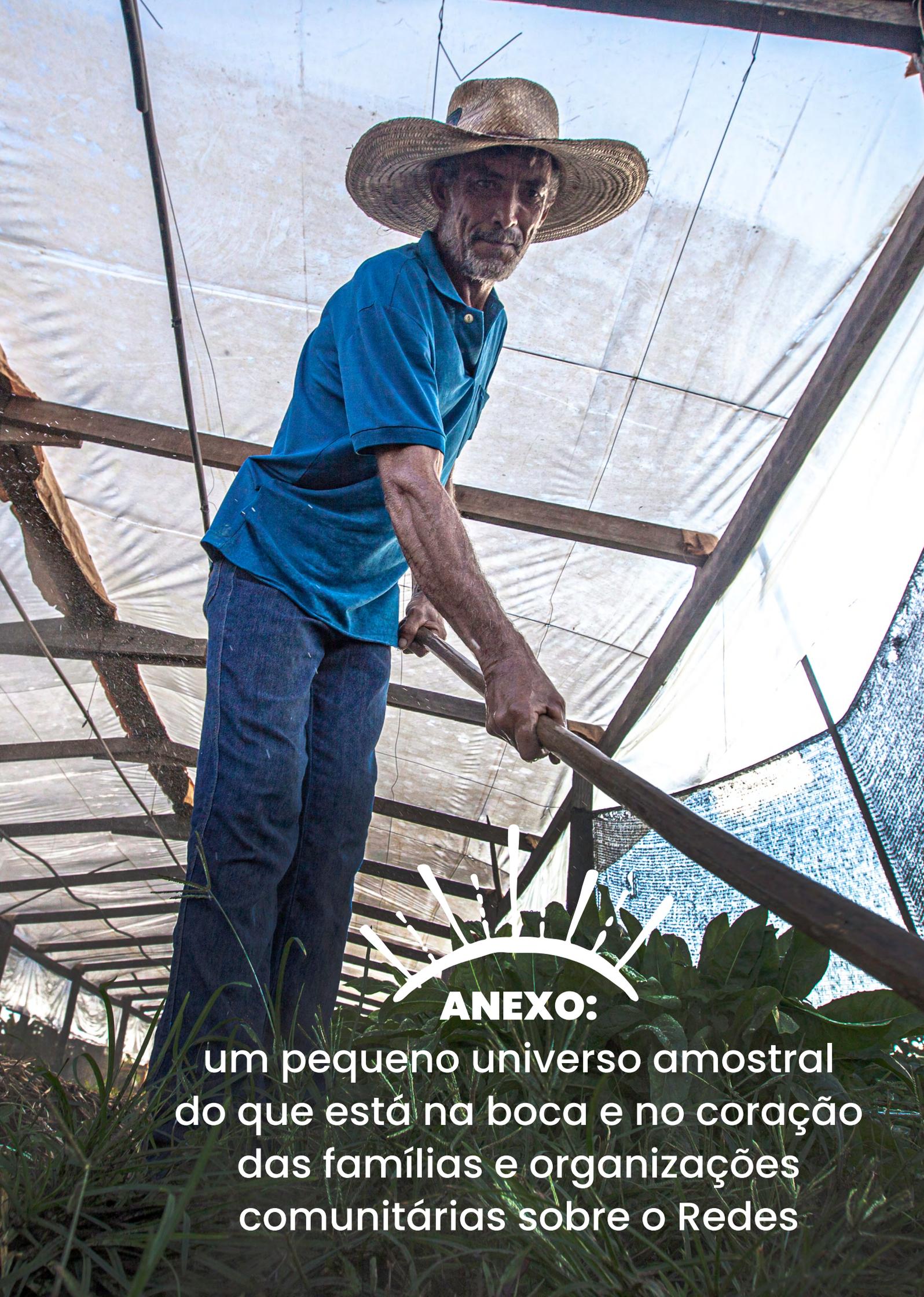
- 7 Boa parte da divulgação mais ampla do projeto foi sobre os impactos econômicos ou socioeconômicos. Poderia haver uma comunicação maior das conquistas na área ambiental, como a contenção de desmatamentos, o que foi restaurado, os impactos ambientais positivos;
- 8 Para alguns parceiros não ficou claro se existiu impacto em comunidades indígenas ou comunidades tradicionais. Se houve, consideram que isso deveria ser divulgado com mais ênfase;
- 9 A partir de compreensões que veem a cadeia do cacau muito promissora e com grande potencial para a agricultura familiar, apesar de ainda ser pequena em Mato Grosso, há a sugestão de que no futuro possa haver um investimento maior nessa atividade.

UMA AUTO-AVALIAÇÃO DA EQUIPE DO ICV QUE ANFITRIOU O REDES

Por sua vez, a equipe de projeto do ICV que esteve à frente desse projeto buscou tomar consciência sobre pontos que poderiam ser aperfeiçoados dentro do Redes e em ações decorrentes dele.

- 1 Dificuldade de monitorar, coletar os indicadores e fazer gestão desse conhecimento todo gerado com o Redes;

- 2 Há muito conteúdo técnico que pode ser aproveitado para gerar conhecimento sobre a região e as cadeias, podemos nos empenhar em organizar isso;
- 3 Uma característica do trabalho volumoso e em escala é a perda de conexão personalizada com quem participa, a perda de compreensão de detalhes que podem ser importantes. Isso traz uma necessidade de se ter uma equipe experiente e bem alinhada tecnicamente para implementar o projeto junto às famílias;
- 4 A questão de gênero, principalmente nos grupos de mulheres, merece maior atenção e uma abordagem diferenciada para se alcançar melhores resultados nos projetos. Em geral, as mulheres colocam em primeiro lugar a dedicação à família, ao trabalho doméstico, para depois conseguir disponibilidade de se envolver com as atividades do projeto;
- 5 O montante investido em determinada organização comunitária não é proporcional aos resultados gerados no projeto. Há aspectos intangíveis, vulnerabilidades veladas que podem impactar no bom desenvolvimento do projeto. É necessário conhecer melhor o momento de cada organização comunitária, atentando-se para distintos fatores, informações e dados para escolher e firmar as parcerias de modo mais assertivo entre ICV e essas organizações. Considerando que esses perfis não são estáticos, sempre há uma fotografia do momento de cada uma delas. Desse modo, há que acompanhá-las com proximidade, criando uma abordagem de trabalho que una o melhor que o ICV tem a oferecer e o que essas organizações conseguem realizar de acordo com seus contextos e questões;
- 6 Criar maior visibilidade do ICV nos municípios.



ANEXO:

um pequeno universo amostral
do que está na boca e no coração
das famílias e organizações
comunitárias sobre o Redes

Uma das fortes motivações para o Redes existir foi contribuir para a melhoria de vida das famílias agricultoras do Norte e Noroeste de Mato Grosso.

Para ampliar a escuta, tentando alcançar mais vozes avaliativas sobre o que as famílias viam sobre o projeto, criamos um formulário via google forms. Este foi compartilhado via whatsapp com as lideranças comunitárias que tinham sido previamente entrevistadas, pedindo que elas espalhassem o link do formulário para outras famílias participantes do Redes. O formulário recebeu 24 respostas que foram compiladas a seguir.

O Redes foi muito bom mesmo porque...

Quando perguntadas sobre os motivos de o projeto ter sido muito bom para as famílias e suas organizações comunitárias, num universo de 23 respostas alcançadas, temos o seguinte quadro:

em 1º lugar, 73,9% das respostas indicam que o Redes foi muito bom por conta das capacitações, dias de campo e palestras;

em 2º lugar, 69,6% trazem o investimento direto recebido nas terras das famílias como fator de importância do Redes; empatados

em 3º lugar, com 60,9%, estão os fatos do projeto ter proporcionado ajuda técnica para melhorar a produção e a realização dos intercâmbios para troca de experiências;

em 4º lugar, com 56,5%, a importância do Redes é destacada por ter realizado investimento nas associações e cooperativas;

em 5º posição, com 17,4%, o destaque está para o resgate do trabalho coletivo e em grupo.

O Redes poderia ter sido melhor porque...

Quanto aos aspectos a se melhorar, num universo de 18 respostas alcançadas, a vontade é que o Redes proporcionasse:

em 1º lugar, com 38,9% de indicações, mais recursos para serem divididas e investidas diretamente nas terras das famílias;

em 2º lugar, empatados com 33,3%, mais investimentos nas organizações comunitárias e intercâmbios para trocas de experiências; também empatados;

em 3º lugar, com 22,2% de indicações, estão o fato de ter sido muito difícil participar das reuniões e atividades, bem como que gostariam de ter tido mais visita técnica de assessoria para melhoria da produção;

em 4º lugar, com 11,1%, mais dias de campo, capacitações e palestras. Além disso, houve uma avaliação de que o atraso na compra de determinados equipamentos não permitiu com que alguns combinados fossem cumpridos por parte de organizações comunitárias.

Mas o Redes fez a diferença mesmo porque...

Quando a intenção foi compreender se o Redes tinha tido alguma contribuição mais significativa e transformadora de fato, do total de 23 respostas alcançadas, obtivemos alguns fatores:

em 1º lugar, com 65,2%, teve destaque que a grande contribuição do Redes foi ter ajudado as pessoas a entenderem que é possível plantar sem veneno, com sistemas agroflorestais e podendo com isso até mesmo aumentar a produção;

em 2º lugar, com 60,9%, a diferença do projeto foi ter feito os recursos chegarem diretamente nas terras das famílias que são pequenas produtoras rurais;



em 3º posição, com 47,8%, foi ressaltado o crescimento e fortalecimento de algumas associações e cooperativas;

em 4º lugar, com 43,5%, empataram os fatos de que a certificação orgânica se viabilizará com a Repoama, bem como os ganhos de aprendizados e fortalecimentos pessoais, inclusive com boas novas redes de amizades formadas;

em 5º posição, com 39,1%, foram destacados os investimentos e infraestruturas feitas para as organizações comunitárias;

em 6º lugar, com 26,1%, destacaram como importante o restauro de áreas degradadas nas terras;

em 7º lugar, com 21,7%, a diferença foi ter apoio e assistência técnica para melhorar a produção;

em 8º posição, com 17,4%, foi destacada a Rota Local e a melhoria em qualidade, produtividade e aumento da comercialização como impactantes.



**Recados
do coração
para a turma
do Redes**

“

O projeto Redes Socioprodutivas foi de muita importância para o crescimento da biodiversidade de produção, pois não foi um projeto que chegou pronto até os produtores e sim foi construído através de levantamento da realidade de cada produtor e suas associações.”

Foi ótimo para as organizações que quiseram aceitar toda a oportunidade que o projeto ofereceu.”

“

Estamos num momento de retorno da pandemia, o que na época distanciou muito. Agora estamos todos voltando com as atividades e convívio coletivo para nos fortalecer ainda mais. O Redes vai fazer muita falta.”

“Obrigada pela oportunidade de aprender e me qualificar não só para a organização, mas para o meu futuro.”

“

Foi o que restaurou a agricultura familiar em meu município com os investimentos, palestras, auxílio técnico de qualidade, incentivo nas vendas com a Rota local. Sem dizer no conhecimento de preservação e restauração de áreas degradadas com os SAFs. Resumindo, pra minha associação, a APRAL, e sócios foi ótimo!”

Ajudou muito nós da associação São Brás, e sem falar do aprendizado que eles nos ensinaram.”

“

Gostei muito de participar desse projeto redes, ganhei recurso pra trabalhar, aprendi muito coisa em curso e capacitação, participei de várias oficinas com troca de experiência, teve intercâmbio pra gente conhecer outras organizações de sucesso, teve o diagnóstico da minha organização onde a gente pode ver os pontos fortes e o que precisa melhorar, tivemos apoio nas documentações da associação e assistência técnica acompanhando no campo. Só tenho a agradecer e dizer pra todos os envolvidos no projeto redes que não deixem essa atividade acabar, ainda tem muita gente que precisa desse apoio e contribuição. Parabéns!”

“

Pra mim foi muito bom, aprendi muitas coisas boas, fui bem acolhida pelo projeto. O mais é isso, espero ter ajudado vocês nas perguntas. Abraço a todos!”

“Da minha parte só tenho a agradecer, por tudo”

Foi uma experiência muito boa. Contribuí para o crescimento e aprendizado da associação e em geral.”

“

Espera um serviço de boa qualidade das pessoas que receberam esse auxílio, está sendo muito bem aplicado aqui na nossa associação. Parabéns a todos do Rede Socioprodutivas.”

“Gratidão por tudo até aqui, ICV!!!”

Redes Socioprodutivas Sistematização e Avaliação



**FUNDO
AMAZONIA**



MINISTÉRIO DA
ECONOMIA MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE

